



O Bullying no Ensino Básico: um estudo comparativo entre o 1º e o 2º ciclo.

Jéssica Lagarto Rodrigues

Orientadora

Prof. Doutora Maria João Guardado Moreira

Co-Orientadora

Prof. Clotilde Alves Agostinho

Trabalho de Projeto apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Intervenção Social Escolar, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria João Guardado Moreira e Coorientadora Professora Clotilde Alves Agostinho, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Setembro 2020

Agradecimentos

Estes agradecimentos são devidos ao completar uma etapa académica, o curso de Mestrado em Intervenção Social Escolar na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Com a finalização deste processo não posso deixar de agradecer a algumas pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para o meu bem-estar durante esta caminhada que, por vezes, se mostrou difícil.

Em primeiro lugar e porque ocupa um lugar inatingível no meu coração, Obrigada Mãe. Estiveste sempre que precisei, e nunca em situação alguma pensaste em desistir de mim ou dos meus. Somos-te eternamente gratos pelas pessoas que fizeste de nós.

Aos meus irmãos, Maria e Henrique (como carinhosamente te trato e que tu não gostas), que são uma parte de mim e que me motivam todos os dias a ser um bom exemplo, espero que eu seja um orgulho para vocês, como vocês são para mim.

Presto também um agradecimento muito especial às minhas duas orientadoras que estiveram sempre a amparar-me nas “quedas” ao longo deste processo e a ambas que me acompanham desde o 1º ano de licenciatura, quero dizer que foi um gosto enorme ser vossa aluna e aprender tanto convosco. Obrigada por me abrirem caminho naquele que será um percurso que mais à frente farei sozinha.

Quero agradecer ao meu namorado que é mais do que isso. Diogo, és das maiores inspirações que já tive na vida. A tua dedicação, a tua disciplina fascina-me desde o primeiro dia em que te conheci. Obrigada por me teres acompanhado nesta meta e em todas as outras.

Obrigada também às minhas melhores amigas de Castelo Branco, Katia Ferreira Almeida e Carolina Rebimba, vocês sabem, eu nem preciso de dizer que vocês são as amigas mais queridas e com as palavras mais certas, nas horas certas.

À minha amiga da vida, Ermelinda Eliasse e à minha amiga mais sensível e frikie, Inês Pinto Oliveira, o meu também obrigada.

Avó, tu que me deixaste neste percurso e numa fase tão difícil sem despedidas, eu sei que me levantaste e orientaste durante este caminho. Eu sinto-te todos os dias e não é por te carregar ao pescoço, é por te carregar no coração.

Por último, quero deixar um agradecimento aos alunos e professores que participaram na investigação e desejar-lhes um futuro muito frutuoso.

Resumo

Atualmente, o *bullying* continua a ser um tipo de violência muito comum nas escolas logo desde os primeiros momentos da infância (Pré-escolar e 1º Ciclo do Ensino Básico), assumindo uma particular preocupação nos anos iniciais da (pré) adolescência. Por ser recorrente, continua a ser um motivo de preocupação a nível global pelas consequências devastadoras ao nível da integridade física e psicológica das crianças e jovens e por constituir uma negação de direitos tão básicos como o bem-estar e a segurança das crianças.

As crianças e jovens expostas a este tipo de problema podem desenvolver alguns tipos de problemas, consequências deste fenómeno. A depressão, o isolamento, a humilhação, a vergonha, rejeição, o absentismo escolar e o insucesso escolar são algumas das consequências físicas, emocionais e escolares pelas quais estas crianças podem passar.

Apesar de ultimamente o número de programas destinados à intervenção e prevenção do *bullying* nas escolas ter vindo a aumentar, a sua eficácia, varia de escola para escola e do nível de ensino a que se destinam.

Portanto, se as situações de *bullying* e consequentemente as suas consequências não forem reconhecidas a tempo, podem trazer problemas graves ao nível do bem-estar dos alunos com repercussões na vida adulta.

A escola assume-se como o segundo agente de socialização (a seguir à família) e, segundo a *Lei de Bases do Sistema Educativo português (Lei n.º 46/86, de 14 de outubro)*, no artigo n.º 2 (ponto n.º 4), deve contribuir para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho. Neste sentido, compete à escola a implementação de medidas de carácter preventivo para que problema do *bullying* seja enfrentado e resolvido com firmeza e determinação, dada a extensão e os efeitos nefastos provocados nos sujeitos.

O presente trabalho de Projeto tem como objetivos fundamentais estudar o *bullying* no 1º e 2º ciclo do ensino básico, designadamente, identificar os tipos de *bullying* mais frequentes, conhecer o perfil das vítimas e dos agressores de *bullying*, identificar as consequências para as vítimas e para os agressores e os espaços onde é mais comum ocorrerem as agressões. Adicionalmente pretende-se conhecer se existem estratégias de prevenção do *bullying* nas escolas onde se realiza o estudo. O estudo incidiu sobre alunos do 1º e do 2º ciclo de uma escola do interior do país, tendo uma amostra de 145 alunos.

De acordo com os resultados obtidos com o questionário aplicado, verificou-se a existência de comportamentos violentos e de bullying, sendo que as principais vítimas em ambos os ciclos são os rapazes e o tipo de bullying mais praticado é o psicológico e verbal. Para além destes intervenientes, os “observadores” do

bullying também se manifestaram, demonstrando que quando assistiram a situações de violência entre os seus colegas reagiram de alguma maneira.

Palavras-chave: *Bullying*, crianças, jovens, consequências e relações.

Abstract

Currently, bullying continues to be a very common type of violence in schools right from the first moments of childhood (Pre-school and 1st Cycle of Basic Education), assuming a particular concern in the early years of (pre) adolescence. As it's recurrent, it remains a cause for concern at a global level due to the devastating consequences for the physical and psychological integrity of children and young people and for constituting a denial of rights as basic as the well-being and safety of children.

Children and young people exposed to this type of problem can develop some types of problems, consequences of this phenomenon. Depression, isolation, humiliation, shame, rejection, school absenteeism and school failure are some of the physical, emotional and school consequences that these children can go through.

Although, the number of programs designed at bullying intervention and prevention in schools has been increasing, their effectiveness varies from school to school and the level of education they are intended for.

So, if bullying situations and consequently their consequences are not recognized in time, they can bring serious problems to the well-being of students with repercussions in adult life.

The school assumes itself as the second socialization agent (after the family) and, according to the Basic Law of the Portuguese Educational System (Law no. 46/86, of 14 October), in article no. 2 (point no. 4), should contribute to the full and harmonious development of the personality of individuals, encouraging the formation of free, responsible, autonomous and solidary citizens and valuing the human dimension of work. In this sense, it's up to the school to implement preventive measures so that the problem of bullying is faced and resolved with firmness and determination, given the extent and the harmful effects caused on the subjects.

The present Project work has as fundamental objectives to study bullying in the 1st and 2nd cycle of basic education, specifically, to identify the most frequent types of bullying, to know the profile of the victims and the aggressors of bullying, to identify the consequences for the victims and for aggressors and spaces where aggressions are more common. Also, it's intended to find out if there are bullying prevention strategies in the schools where the study is carried out. The study focused on 1st and 2nd cycle students from a school in the interior of the country, with a sample of 145 students.

According to the results reached with the applied questionnaire, it was verified the existence of violent and bullying behaviors, with the main victims in both cycles being boys and the most common type of bullying is psychological and verbal. In addition to these stakeholders, the “observers” of bullying also spoke out, demonstrating that when they saw situations of violence among their colleagues, they reacted in some way.

K e y w o r d s : Bullying, children, young people, consequences and relationships.

Índice

Introdução	1
1º Parte - Fundamentação Teórica	3
Capítulo I - Violência	3
Introdução	3
1.1. Definição de Violência.....	4
1.2. Violência na Escola	5
Capítulo II - <i>Bullying</i>	6
2.1. Definição de <i>Bullying</i>	6
2.2. Tipos de <i>Bullying</i>	8
2.3. Fatores que potenciam comportamentos de <i>Bullying</i>	9
2.4. Sintomas que traduzem situações de <i>Bullying</i>	11
2.5. Perfil dos intervenientes do <i>Bullying</i>.....	12
2.6. Consequências do <i>Bullying</i>	13
Capítulo III- A Escola.....	16
3.1. O <i>Bullying</i> na Escola	16
3.2. Papel da Escola na Prevenção da Violência e do <i>Bullying</i>	16
2ª Parte- Estudo Empírico.....	18
Capítulo IV- Objetivos de Investigação	18
4.1. Introdução	18
4.2. Definição do Problema de Investigação	18
4.3. Questões de Investigação e Objetivos.....	18
Capítulo V- Metodologia de Investigação.....	20
Introdução	20
5.1. Metodologia.....	20
5.1.1. Instrumentos e Técnicas de Recolha de dados.....	20
5.1.2. Procedimentos	21
5.1.3. Caracterização da amostra	22
Capítulo VI- Apresentação e Análise dos dados	25
Introdução	25
6.1. Apresentação e Análise dos Resultados	25
6.1.1. Questionários aos alunos	25

6.1.2. Entrevistas aos Professores	43
6.2. Discussão dos Resultados.....	45
Capítulo VII - Projeto de Intervenção.....	52
7.1. Breve Introdução.....	52
7.2. Análise <i>Swot</i>	52
7.3. Objetivos do Projeto.....	53
7.4. Medidas de Intervenção.....	53
7.5. Atividades Propostas.....	56
7.5.1. Atividade 1 - Ação de Sensibilização sobre o <i>Bullying</i>	58
7.5.2. Atividade 2 - Sessão de <i>Role -Talking</i>	59
7.5.3. Atividade 3 - Sessão de <i>Role - Playing</i>	60
7.5.4. Atividade 4 - Seminário “Prevenção do <i>Bullying</i> ”	61
7.5.5. Atividade 5 - <i>Workshop</i> “A brincar e a rir, o <i>Bullying</i> vamos prevenir” para crianças e jovens	62
7.5.6. Atividade 6 - <i>Workshop</i> “A brincar e a rir, o <i>Bullying</i> vamos prevenir” para adultos	63
7.5.7. Atividade 7 - Linha Telefónica de Apoio Escolar	64
7.5.8. Atividade 8 - Visualização de um filme	65
7.5.9. Atividade 9 - Teatro de fantoches	66
7.5.10. Atividade 10 - T-shirt da Esperança	67
7.5.11. Atividade 11 - O termómetro das emoções	68
7.5.12. Atividade 12 - Dado das Emoções	69
7.5.13. Atividade 13 - Caixa dos segredos	70
7.6. Orçamento global de Atividades.....	71
7.7. Cronograma de Atividades	72
7.8. Avaliação do Projeto.....	74
7.9. Sustentabilidade do Projeto	74
Conclusão.....	76
Referências Bibliográficas	79
Apêndices	83
Apêndice 1- Questionário.....	84
Apêndice 2- Guião da Entrevista	94

Lista de Tabelas

Tabela 1- Tipos de Bullying	9
Tabela 2- Distribuição da amostra por sexo e ano de escolaridade	23
Tabela 3- Dados Biográficos dos Diretores de turma	24
Tabela 4- Qual foi o tipo de violência que sofreu?	28
Tabela 5- Contaste a alguém o que aconteceu?	33
Tabela 6- Idade dos agressores e das vítimas. 1º ciclo	36
Tabela 7- Idade dos agressores e das vítimas. 2º ciclo	36
Tabela 8- Tens conhecimento de atividades e tiveste a possibilidade de participar?	41
Tabela 9 - Análise Swot	52
Tabela 10 - Objetivos do Projeto de Intervenção	53
Tabela 11 - Atividade 1.....	58
Tabela 12 - Atividade 2.....	59
Tabela 13 - Atividade 3.....	60
Tabela 14 - Atividade 4.....	61
Tabela 15 - Atividade 5.....	62
Tabela 16 - Atividade 6.....	63
Tabela 17 - Atividade 7.....	64
Tabela 18- Atividade 8	65
Tabela 19 - Atividade 9.....	66
Tabela 20 - Atividade 10.....	67
Tabela 21 - Atividade 11.....	68
Tabela 22 - Atividade 12.....	69
Tabela 23 - Atividade 13.....	70
Tabela 24 - Cronograma de Atividades	72

Lista de Gráficos

Gráfico 1- Sexo dos alunos do 1º ciclo	25
Gráfico 2- Idade dos alunos do 1º ciclo	25
Gráfico 3- Sexo dos alunos do 2º ciclo	26
Gráfico 4- Idade dos alunos do 2º ciclo	26
Gráfico 5- Sabes o que é o <i>Bullying</i> ?	26
Gráfico 6- Sabes o que é o <i>Bullying</i> ? 2º ciclo	27
Gráfico 7- Já sofreste algum tipo de violência na tua escola? 1º ciclo	27
Gráfico 8- Já sofreste algum tipo de violência na tua escola? 2º ciclo	28
Gráfico 9- Sítios onde ocorreram as situações de violência	29
Gráfico 10- Quanto tempo durou essa situação? 1º ciclo	29
Gráfico 11- Quanto tempo durou essa situação? 2º ciclo	30
Gráfico 12- Quando essa situação aconteceu, estavas sozinho? 1º ciclo	30
Gráfico 13- Quando essa situação aconteceu, estavas sozinho? 2º ciclo	31
Gráfico 14- Que idade tinhas quando aconteceu? 1º ciclo	31
Gráfico 15- Que idade tinhas quando aconteceu? 2º ciclo	32
Gráfico 16- Como te sentiste depois de teres passado por essa situação? 1º ciclo	32
Gráfico 17- Como te sentiste depois de teres passado por essa situação? 2º ciclo	33
Gráfico 18- Já agrediste alguém na tua escola? 1º ciclo	34
Gráfico 19- Já agrediste alguém na tua escola? 2º ciclo	34
Gráfico 20- De que maneira agrediste? 2º ciclo	35
Gráfico 21- De que maneira agrediste? 1º ciclo	35
Gráfico 22- Quando agrediste estavas sozinho? 1º ciclo	37
Gráfico 23- Quando agrediste estavas sozinho? 2º ciclo	37
Gráfico 24- E a pessoa que agrediste, estava sozinha? 1º ciclo	38
Gráfico 25- E a pessoa que agrediste, estava sozinha? 2º ciclo	38
Gráfico 26- Já presenciaste alguma situação de <i>Bullying</i> ?	38
Gráfico 27- Já presenciaste alguma situação de <i>Bullying</i> ? 2º ciclo	39
Gráfico 28- Como reagiste perante essa situação? 1º ciclo	39
Gráfico 29- Como reagiste perante essa situação? 2º ciclo	40
Gráfico 30- Sentes-te seguro na tua escola? 1º ciclo	40
Gráfico 31- Sentes-te seguro na tua escola? 2º ciclo	41
Gráfico 32- Achas que falar sobre este tema é importante para diminuir a violência na escola que frequentas e nas outras escolas? 1º ciclo	42
Gráfico 33- Achas que falar sobre este tema é importante para diminuir a violência na escola que frequentas e nas outras escolas? 2º ciclo	42

Introdução

O *bullying* é considerado como uma forma de violência psicológica, emocional e/ou física que ocorre de forma intencional e se perpetua ao longo do tempo.

O *bullying* designa, então, um conjunto de comportamentos de agressão/vitimização que ocorre entre pares, de forma intencional e repetida, em que existe o abuso do agressor/*bully*, sobre a vítima, com intenção deliberada de causar sofrimento ao outro, infligindo dor física ou perturbação emocional, no contexto de uma relação assimétrica de poder (Amado e Freire, 2002; Martins, 2005; Olweus, 1998; Seixas, 2005; Simões, Ferreira, Braga, & Vicente, 2015).~

O *bullying* é um fenómeno social que pode ocorrer em vários contextos de vida onde o convívio social se desenvolve, mas, neste trabalho específico, a investigadora pretende estudar este tipo de violência em contexto escolar, bem como o papel da escola neste âmbito.

Este trabalho urge pela necessidade de estudar e comparar o *Bullying* em diferentes idades e níveis de escolaridade. As crianças que integram a investigação estão em ciclos de escolaridade diferentes, uns são alunos do 2º ciclo do Ensino Básico, outros são alunos que se preparam para transitar de ciclo, portanto para espaços e contextos escolares diferentes, com colegas, professores e funcionários novos, exigindo uma adaptação mais exigente e apoiante. A verdade é que esta transição pode colocar os alunos em maior risco para serem ameaçados, humilhados, gozados, batidos e insultados e influenciar negativamente a maneira como veem a escola e a motivação pela vida escolar

No contexto escolar, este fenómeno tem implicações ao nível da aprendizagem, desenvolvimento social e moral, desmotivação, indisciplina, exclusão, medo e insegurança entre pares, absentismo e mesmo o abandono escolar, a curto ou a médio prazo (Carvalhosa, 2010; Ferraz & Pereira, 2012).

É fundamental que cada vez mais, os pais, professores e todos os membros da comunidade educativa estejam atentos aos comportamentos dos seus educandos de modo a distinguir quando uma criança está bem na escola ou quando está com algum problema, seja de que natureza for. Não há dúvida que as consequências da exposição a determinadas situações, nomeadamente o *Bullying*, podem afetar o crescimento e desenvolvimento saudável destas crianças e jovens. As situações de *Bullying* não devem ser percebidas como situações normais da idade ou da dinâmica nas escolas e tudo deve ser feito para que as crianças e adolescentes se sintam seguros e protegidos na escola (Almeida & Fernandez, 2014).

O presente Trabalho de Projeto encontra-se organizado em 2 partes. Na primeira parte apresenta-se o enquadramento teórico, onde abordamos o conceito de violência, especificamente a violência na escola e o *Bullying* e as suas características, onde citamos e apresentamos várias perspectivas de autores que realizaram investigações sobre o fenómeno. Na segunda parte, apresentam-se descritos todos os procedimentos realizados durante a investigação, a apresentação e análise dos dados e por fim a proposta de Projeto de Intervenção, elaborada tendo em conta todas as características e lacunas encontradas com o estudo realizado.

1º Parte - Fundamentação Teórica

Capítulo I - Violência

Introdução

A violência em contexto escolar tem sido estudada por vários autores e parece não ter perdido importância. Os meios de comunicação social e os estudos realizados, recorrentemente mostram casos de violência na escola e é facto que esta onda de violência entre pares preocupa pais, professores e outros responsáveis educativos, uma vez que cada vez mais se fazem sentir os seus efeitos negativos na saúde psicológica, física e social e também no sucesso escolar dos alunos.

A escola, enquanto contexto de aquisição de conhecimentos e aptidões, de aprendizagem e bem-estar tem o dever de promover o desenvolvimento de competências sociais e relacionais positivas com os pares, professores e outros adultos da comunidade educativa e prevenir os comportamentos de risco (Almeida & Fernandez, 2014; Machado & Machado, 2012).

No primeiro ciclo do ensino básico, as crianças têm o primeiro contacto com a escola, onde desenvolvem a socialização, as relações interpessoais com os seus pares e o prazer de aprender. Este nível de escolaridade é normalmente um período muito importante na vida das crianças, não só pelas aprendizagens escolares que vão desenvolvendo mas também porque na relação com os outros vão assimilar normas, regras, valores, aprender a conviver e a partilhar com os outros.

A socialização e interação com os outros é necessária e fundamental para as crianças e para o seu desenvolvimento. Quando as interações são positivas, há uma predisposição para o desenvolvimento saudável. Mas nem sempre essas relações são saudáveis e prazerosas. Quando são relações negativas, podem promover o surgimento de problemas de curto, médio e longo prazo, tais como: bullying, insegurança, instabilidade, medo, agressividade, desmotivação e desinteresse pela escola (Stephan Gomes e Lourenço, 2016).

No segundo ciclo do ensino básico, 5º e 6º ano de escolaridade, as crianças e jovens têm, por norma, idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos. Estas idades são características de uma fase mais complexa e desafiante do desenvolvimento humano, o início da adolescência, por norma, mais propícia a comportamentos disruptivos e problemáticos. No entanto, esta fase é também, muitas vezes, uma excelente oportunidade para a mudança e para a experimentação de estratégias de relacionamento com os outros mais adaptativas e saudáveis (Almeida & Fernandez, 2014; Machado & Machado, 2012).

Por outro lado, este é um período de transição. As crianças mudam de escola para frequentar o segundo ciclo e têm de se adaptar a um novo ambiente, novos pares, novos professores... E se por um lado, para algumas crianças é um período de adaptação fácil, para outras crianças pode ser um período complicado e de completa inadaptação.

As crianças que encontram este tipo de ambiente, ficam mais vulneráveis e conseqüentemente se tornam “presas” dos alunos que dizem piadas, que riem, que gozam, que dão apelidos e que agredem. Este tipo de comportamento vem normalmente de alunos mais velhos, que já frequentavam a escola e que contribuem para a fragilidade emocional que estas crianças recém-chegadas acabam por desenvolver.

Um dos principais objetivos das crianças e jovens em idade escolar é desenvolver e manter a autoestima na relação com os outros (Mora-Merchán, 2006). Quando há uma quebra de vínculos ou uma experiência negativa nesta fase de aprendizagem, há também uma quebra no desenvolvimento típico nesta idade, o que pode influenciar todas as relações que estas crianças tendem a estabelecer no futuro. As relações podem ser formadas através de falta de confiança e autoestima. No geral, afeta o “êxito” das relações que estabelecem. As expectativas perante os outros diminuem significativamente e passam a ter mais dificuldade em confiar e partilhar algo com outros (Mora-Merchán, 2006).

Sousa, Araújo e Pereira (2016, p.163) revelam no seu artigo que “a escola e tudo o que nela vivemos marca a nossa vida para sempre e condiciona a forma como encaramos o mundo e o relacionamento com os outros”.

Podemos considerar que se as crianças que passam por uma situação precoce violenta, facilmente podem transportar essa forma de interagir para outros contextos relacionais e para as suas relações futuras. As crianças mais novas têm tendência para imitar os comportamentos agressivos.

Por tudo isto, a escola e os responsáveis educativos devem criar mecanismos de prevenção e sensibilização que permitam tornar cada contexto educativo em espaços mais inclusivos e seguros.

1.1. Definição de Violência

Neste estudo, importa definir alguns conceitos para explorar melhor aquilo que é a violência, a violência na escola e o *bullying*.

A violência acompanha a sociedade desde o início dos primeiros tempos. É certo que assume vários tipos e formas, mas nesta investigação importa entender a violência dentro do ambiente escolar.

Coelho, Silva e Lindner (2014, p.12) caracterizam a violência “como qualquer ação intencional, perpetrada por indivíduo, grupo, instituição, classes ou nações dirigida a outrem, que cause prejuízos, danos físicos, sociais, psicológicos e (ou) espirituais”.

1.2. Violência na Escola

A temática da violência escolar tem sido alvo de uma preocupação crescente nas últimas duas décadas, quer por parte da sociedade em geral, quer especificamente, por parte da comunidade escolar (Stephan, Gomes e Lourenço, 2016), muito porque a escola tem sido reconhecida como um espaço onde ocorre violência, contrapondo-se com os ideais que a escola deve transparecer.

Segundo Veiga (2009) a violência escolar constitui um problema escolar e social, destacando a necessidade dos sistemas educativos se preocuparem em educar para os direitos humanos e para a paz.

“As escolas estão hoje confrontadas com níveis de transgressão e indisciplina que por vezes, tornaram difícil um clima propício ao ensino e à aprendizagem” (Veiga, 2009, p.195).

O *Bullying* ocorre desde o pré-escolar ao ensino universitário, tornando o dia-a-dia de muitas crianças, jovens e adultos intolerável (Carvalhosa, 2010).

Stepahn, Gomes e Lourenço (2016) dividem a violência na escola em duas modalidades: a primeira, refere-se a atos contra a escola, danificando o património escolar e os bens de funcionários- apontado pelos autores como Vandalismo; a segunda focaliza-se em agressões físicas e verbais entre estudantes, com professores e funcionários, apontado como *bullying* por Gonçalves e Sposito (2002).

Capítulo II - *Bullying*

2.1. Definição de *Bullying*

“O *bullying* é um fenômeno mundial tão antigo quanto a própria escola. Apesar dos educadores terem consciência da problemática existente entre agressor e vítima, poucos esforços foram feitos para o seu estudo sistemático até princípios da década de 70” (Fante, 2005, p.27). Foi nesta década, nos países escandinavos e na sequência dos estudos empíricos de Dan Olweus, que o tema começou a ser estudado de forma sistemática. Foi este autor que descreveu pela primeira vez a natureza e extensão do problema, definindo-o como o “uso sistemático de violência física e/ou mental por um ou vários rapazes” (Olweus, 1978, citado por Carvalhosa, 2010, p.5). A partir dos estudos de Olweus, a temática começou a merecer um acrescido interesse por parte da sociedade e da comunidade científica e várias investigações foram desenvolvidas. É nas décadas de 80 e 90 que o tema começa a ser aprofundado, depois de ser associado a 3 adolescentes que se suicidaram por serem vítimas deste tipo de violência. Os resultados dos estudos sugerem que este tipo de violência afeta o clima escolar e que tem consequências muito nefastas no desenvolvimento das crianças e jovens que são protagonistas (vítima e/ ou agressor) deste fenômeno.

O termo *bullying* é oriundo da língua inglesa, e provém da palavra *bully* que pode ser adjetivado como “valentão”, “tirano” ou como no verbo “brutalizar”, “tiranizar” e “amedrontar” (Vitorino, 2010, p.9).

O *bullying* é um fenômeno que resulta da interação entre pares. E por vezes é difícil distinguir entre as crianças, o que é brincadeira do que é agressividade (Gisi, Ens e Eyng, 2016) com intenção de prejudicar ou magoar.

Para Rigby (2008, citado por Gisi, Ens & Eyng, 2016) há situações de *bullying* em que alunos não têm obrigatoriamente a intenção de magoar, mas magoam. Isto acontece, especialmente com crianças mais novas e têm este tipo de comportamento por imitação, porque já viram alguém falar ou fazer algo na sua presença.

Segundo Fante (2002), não se trata de uma brincadeira própria de crianças ou de um episódio esporádico. Pelo contrário, torna-se um ato violento que se desenrola em todas as escolas, “provocando uma vida de sofrimento para uns e de passividade e conformismo para outros” (Monteiro, 2012, p. 32).

Para Lopes Neto (2005), o *bullying* compreende todas as atividade agressivas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente, adotadas por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, sendo executados dentro de uma relação desigual de poder. Essa assimetria de poder associada ao

bullying poder ser consequente da diferença de idade, tamanho, desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais estudantes.

Pereira (2008) define *bullying* com comportamentos agressivos exercidos por um ou por vários indivíduos como chatear/ irritar constantemente um colega, insultar relativamente à sua forma de vestir, à sua raça, ou ao seu corpo, levantar rumores, contar histórias sobre o/a colega para que os outras crianças não lhe falem e não brinquem mais com ele/ela, ameaçar, amedrontar, extorquir dinheiro, bater, empurrar, pontapear, rastejar, etc.

Também para Melim e Pereira (2016, p.179) o *bullying* “é a agressão entre jovens, intencional e frequente capaz de causar danos ou magoar, ameaçar, chantagear, chamar nomes, gozar, levantar falsos testemunhos, contar segredos, praxar de forma violenta, pôr de parte um (a) colega, ignorar, bater, empurrar e tirar objetos de valor”.

O termo *bullying* descreve uma ampla variedade de comportamentos que podem ter impacto sobre a propriedade, o corpo, os sentimentos, os relacionamentos, a reputação e o status social de uma pessoa. *Bullying* é uma forma de comportamento agressivo e direto que é intencional, doloroso e repetido. Além da intencionalidade, da repetição e de perdurar no tempo, as agressões são caracterizadas por assimetrias de poder entre vítimas e agressores (Pereira, Barbosa e Lourenço, 2016).

Podemos definir o *bullying* como um comportamento cruel intrínseco nas relações interpessoais, em que os mais fortes utilizam os mais frágeis em objetos de diversão e prazer através de “brincadeiras” que disfarçam o propósito de maltratar e intimidar.

Diversos estudiosos têm dado definições e contribuições, ao longo do tempo, com respeito a esse tipo de comportamento. Porém, “todas as definições convergem para a incapacidade da vítima de se defender” (Oliveira, 2013, p. 31,32).

Com base nas abordagens conceptuais de diferentes autores sobre o *bullying*, é possível encontrar definições semelhantes embora umas mais complexas e outras mais simplistas. Percebe-se que apesar de não existir um conceito universal para este tema, que as definições têm critérios em comum. O comportamento intencional, o comportamento repetido e prolongado no tempo, os comportamentos agressivos a existência de vários protagonistas e a desigualdade de poder entre os protagonistas são critérios comuns nas definições apresentadas.

Não se deve desvalorizar este fenómeno devido às consequências que dele advém e a forma como afecta o desenvolvimento das crianças e jovens, estas consequências refletem-se ao longo de toda a sua vida e podem ainda prejudicar a vida das vítimas e dos agressores, enquanto adultos.

O *bullying* é uma realidade nas escolas embora seja muitas vezes camuflado por brincadeiras assumidas como normais entre crianças pelos próprios professores, educadores e profissionais que contactam e auxiliam estes alunos. “É importante dar visibilidade ao *bullying* com o intuito de aliviar as vítimas, retirando-as do isolamento em que se encontram. Este fenómeno cruel e silencioso somente não traz consequências nefastas para o ambiente escolar como para o ambiente sociofamiliar” (Pereira e Sousa, 2011, p.37).

2.2. Tipos de *Bullying*

O conceito de *bullying* compreende uma série de ações negativas, perpetradas numa relação desigual de poder entre o/a agressor/a e a vítima. Por norma, a provocação, perseguição ou agressão a que a vítima é sujeita pode assumir diferentes formas, por vezes sem justificação aparente, mas que revelam sempre um grau de agressividade prejudicial para a vítima, principalmente a nível psicológico (Amnistia International Portugal, 2016).

De um modo geral, e apesar de diferentes autores/as categorizarem este fenómeno de forma mais particular, quando falamos de *bullying* referimo-nos a formas distintas mas complementares de agressão ou coação ao longo de um determinado período de tempo, que podem ser de vários tipos e mais ou menos diretas.

Bandeira e Farias (2011) identificam os tipos de *bullying* da seguinte forma: o direto e físico, como bater, empurrar, roubar, brincar de forma violenta, danificar objetos e usar armas; o direto verbal ou psicológico que engloba chamar nomes, arrelhar ou pegar com alguém, ser sarcástico, insultuoso ou injurioso, fazer caretas e ameaçar; e o indireto que é o mais difícil de identificar, pois não é tão visível e inclui comportamentos de exclusão ou rejeição de alguém, de um grupo com o objetivo de isolar socialmente.

Tabela 1- Tipos de *Bullying*

Tipos de <i>Bullying</i>			
Direto		Indireto	
<i>Bullying</i> Físico	<i>Bullying</i> Verbal	<i>Bullying</i> Psicológico/ Emocional	<i>Cyberbullying</i>
Agressões físicas: esmurrar, dar palmadas, empurrar, dar encontrões, puxar cabelos, pontapear, etc... -Ameaçar; -Perseguir; -Roubos; -Danificar material; -Assédio (sexual ou outro).	-Insultar Intimidar; -Gritar; -Humilhar; Ofensas verbais: dizer piadas e alcunhas depreciativas e discriminatórias; -Outras expressões que geram mal-estar.	Indiferença; Isolamento; Exclusão social; Difamar; Lançar rumores.	-SMS; -MMS; -Vídeos; -Fotos; -Mail; -Chats; -Redes.

Fonte: Retirada do Manual Stop *Bullying*, Amnistia Internacional Portugal (2016, p.13)

Desta maneira, a revisão de literatura leva-nos a concluir que o *bullying* manifesta-se de diferentes formas, todas elas com a propósito de provocar mal-estar físico ou psicológico. “Tem como base o abuso constante do poder, é maldosa, deliberada e persistente podendo durar semanas, meses ou anos. É uma forma de comportamento ofensivo e é realizada na escola entre pares sendo difícil às vítimas defenderem-se” (Oliveira, 2012, p.24).

2.3. Fatores que potenciam comportamentos de *Bullying*

O *bullying* pode afetar qualquer criança ou adolescente, independentemente da raça, etnia, cor, crença religiosa, faixa etária ou posição social. No entanto há alguns fatores que podem potenciar os protagonistas a tornarem-se vítimas e/ou agressores.

Como nos diz Carvalhosa (2010, p.19), podemos assumir que as causas do *bullying* são muito diversas. Esta autora agrupa-as em fatores/ causas individuais, familiares, escolares e sociais.

Familiares (a agressividade parental, dificuldades de comunicação, envolvimento parental na escola reduzido, baixa supervisão, exposição a violência doméstica e punições agressivas, são alguns dos fatores que por um lado pode levar as crianças a tornarem-se agressivas com os pares, por estar familiarizado com agressividade, como pode tornar-se vítima, por sentir que está sozinha e não tem a quem recorrer na família para partilhar medos e fragilidades.

Fante (2005, citado por Oliveira et al, 2016, p.30) amplia o olhar sobre o fenómeno e identifica a agressividade como consequência de uma base familiar deficitária, com comportamentos agressivos entre os próprios familiares, envolvidos num relacionamento que estimula a criança a aplicar a violência para impor o seu poder, objetivando conseguir o que deseja, ou ainda, utilizando-o como padrão de comportamento para responder às frustrações e decepções, sendo assim, um elemento de aprendizagem.

Individuais (crianças que desde muito cedo demonstram ser agressivas, birrentas, impulsivas, que utilizam o choro, a agressividade para obterem algo que desejam, crianças que para além do padrão agressivo, também são portadoras de uma estrutura física maior e com mais força, têm mais altura, mais peso e sentem-se mais capazes e confiantes para intimidar os pares. Por outro lado, crianças que são mais confiantes e que gostam de ser líderes (Dunn, 2005 citado por Marques, 2016). Pepler et al (1998) verificaram que as crianças agressivas se envolviam em níveis mais elevados de agressão física, ataques verbais e conversas negativas do que as crianças pacíficas.

No que concerne às vítimas, são por norma, crianças que pela sua própria natureza são mais ansiosas, que transmitem inseguranças, são mais fracas fisicamente e têm problemas de socialização (Olweus, 1993 citado por Marques, 2016) atraem alunos com características identificadas anteriormente, a iniciar incidentes com crianças com características mais vulneráveis e fragilizadas.

A própria natureza e características subjacentes, pode influenciar o papel do protagonista, seja ele vítima ou agressor.

Escolares (crianças e adolescentes que têm insucesso escolar, “que se consideram um fracasso na escola, que têm problemas de aprendizagem derivados de ansiedade, impulsividade, pouca empatia e uma deficiência na habilidade de estabelecer relações e emoções positivas com os outros”, têm mais probabilidade de se tornarem *bullies* (Salgado et al, 2016, p.142).

Quanto às vítimas, o facto de serem muito boas ou muito más no currículo escolar é por vezes motivos de gozo e piadas. Apelidos como “*nerd*” e “*marrão*” são frequentes, principalmente nos alunos que se destacam com as melhores classificações. Por outro lado, também as crianças com maiores dificuldades são gozadas, insultadas e muitas vezes afastadas e isoladas do grupo de pertença, pelos seus pares.

Relativamente aos Fatores Sociais, Carvalhosa (2010, p.19) defende que as atitudes e as normas sociais que se tomam perante estas situações para com a vítima e o agressor, “influenciam a ocorrência e grau de severidade” que pode assumir o contacto entre estes dois agentes do *bullying*.

O que Carvalhosa (2010, p.19) nos diz é que “apenas um fator não é suficiente para provocar este comportamento ou que para provocar este comportamento ou

que para o bullying aconteça todos os fatores tenham de estar presentes, mas que é através da interação entre quatro tipos de fatores que poderá aumentar a probabilidade de vir a ocorrer o comportamento de *bullying*".

2.4. Sintomas que traduzem situações de *Bullying*

A comunidade educativa, cada vez mais deve estar preparada, formada e informada sobre as diversas situações e fenómenos que podem acontecer dentro da escola. No que diz respeito ao *bullying*, há um conjunto de sinais/sintomas a que os pais e professores devem reconhecer de modo a intervir o mais precocemente possível.

Sintomas como, dores de barriga constantes, dores de cabeça, principalmente quando se aproxima a hora de voltar à escola, podem ser uma desculpa à frequência da escola por medo de serem agredidos (Gonçalves, 2019).

A irritação, ansiedade, tristeza a falar da escola ou na realização de tarefas escolares, podem também ser avisos de que há algo que está a afetar o bem-estar da criança ou adolescente.

Em casos mais significativos, os pais podem reparar em perda do apetite, enurese, ecoprese, falta de vontade e medo de ir à escola, frases proferidas pelas crianças como "odeio a escola", "odeio a professora", "não gosto dos meus colegas", são mais sintomas e comportamentos que determinada criança pode apresentar perante uma situação de *bullying* na escola.

Na escola, também os professores, funcionários e outros membros que mantenham contacto com as crianças podem reparar em quedas repentinas de notas, ou o contrário, alunos que subiram as notas repentinamente, que pode significar que a criança parou de brincar, que se isolou e que agora está apenas a estudar intensivamente. Podem reparar se as crianças ficam sozinhas durante os recreios, se saem para brincar e/ou comer nos intervalos, se comem bem as refeições e principalmente estarem atentos aos comportamentos que todas as crianças assumem perante os outros colegas nos tempos livres, em que se acham mais desacompanhadas. (Afonso, 2020)

Caso se verifique que a criança ou adolescente demonstre alguns destes ou sinais, a intervenção não deve ser individualizada, deve ser organizada em conjunto entre família e escola.

Fante (2005, p.77) propõe algumas questões para que os pais consigam detetar sinais de vitimização:

- Apresenta, com frequência, dores de cabeça, pouco apetite, dor de estômago, tonturas, sobretudo de manhã?
- Muda de humor de maneira inesperada, apresentando explosões de irritação?

- Regressa da escola com roupas rasgadas ou sujas e com o material escolar danificado?
- Apresenta aspeto contrariado, triste, deprimido, aflito ou infeliz?
- Apresenta desculpas para faltar às aulas?
- Raramente possui amigos, ou possui ao menos um amigo para partilhar o tempo livre?
- Pede dinheiro extra à família ou rouba?
- Apresenta gastos altos na cantina da escola?

Para detetar comportamentos agressivos, Fante (2005, p.77) propõe perguntas como:

- Regressa da escola com as roupas amarrotadas e com ar de superioridade?
- Apresenta atitude hostil, desafiante e agressiva com os pais e irmãos, chegando a ponto de aterrorizá-los sem levar em conta a idade ou a diferença de força física?
- É habilidoso para se sair bem de “situações difíceis”?
- Exterioriza ou tenta exteriorizar sua autoridade sobre alguém?
- Possui objetos ou dinheiro sem justificar sua origem?

Os pais devem ficar atentos a esses indícios, como também observar o melhor comportamento do filho e, em caso de suspeita, deve-se procurar ajuda de profissionais especializados.

2.5. Perfil dos intervenientes do *Bullying*

O *bullying* é um fenómeno que pode afetar todas as crianças, no entanto apresenta-se de seguida o perfil dos protagonistas que são evidentes numa situação de *bullying*: vítima, agressor e observador.

Pereira et al (2004) verificaram existir um maior risco de vitimização nos estudantes provenientes de classes sociais mais baixas. Também tendem a ser frágeis, tímidas, introvertidas, sensíveis, com baixa autoestima e com poucos amigos (Sousa, Araújo e Pereira, 2016).

Para Swensson (2003) e Dunn (2005) as vítimas são crianças mais sensíveis, simpáticas, inteligentes e com boas relações com os pais. São crianças que ficam muitas vezes sozinhas no período do intervalo têm mais dificuldades na adaptação à escola, o que conseqüentemente as torna mais vulneráveis.

Olewus (1993) diz que por detrás dos agressores estão muitas vezes famílias disfuncionais em que as crianças são negligenciadas, as regras de condutas estão dependentes do humor dos pais e em que o padrão relacional são os castigos físicos ou psicológicos violentos.

Em idades mais precoces como é o caso dos alunos do estudo, as crianças espelham nos outros, o comportamento que reconhecem dos seus cuidadores.

Os agressores são por norma mais velhos, mais fortes fisicamente, possuem alta autoestima e grande capacidade de liderança. Para impor o seu poder, é regular que escolham vítimas mais novas e mais fracas do que eles.

“Observa-se ainda que o praticante de *bullying*, muitas vezes conta com o apoio de outros alunos que reforçam a sua atitude ao manifestar admiração pelo comportamento existente” (Gisi, Ens e Eyng, 2016, p.30).

Os observadores podem ser caracterizados como ativos ou passivos.

Por passivos entenda-se aqueles que se mantêm fora do conflito, observando sem intervir. Uns porque lhes dá prazer assistir, outros porque não sabem o que fazer ou porque têm medo de intervir e com isso, que eles próprios se tornem alvos.

Dentro dos ativos, Sutton et al. (2004, citado por Marques, 2006) divide-os em Observadores Ativos Negativamente e Observadores Ativos Positivamente. Observadores Ativos Positivamente, são crianças que tendem a tomar partido da vítima, que apoiam, consola e/ou intervêm na situação a favor da vítima. São crianças e/ou jovens que têm necessidade de intervir sempre que alguém está em dificuldades, o seu sentido de justiça obriga-os a reagir perante situações para si e para os outros desagradáveis.

Segundo Marques (2016), estudos de Peer Support revelaram o papel especial das raparigas que conseguem envolver-se no apoio aos outros.

Bjorkvist et al (2003) afirmam que as raparigas são melhores do que os rapazes na resolução pacífica de conflitos.

Os Observadores Ativos Negativamente, são as crianças que se juntam à situação de *bullying* agredindo a vítima ou apenas agindo como público que aprecia o agressor (Marques, 2016). São crianças que não provocam conflitos, mas que gostam de se envolver e ajudar a magoar alguém.

2.6. Consequências do *Bullying*

Os comportamentos que muitas crianças e jovens assumem hoje em dia, são comportamentos normais que fazem parte do desenvolvimento e da interação com outros colegas.

O *bullying* pode comprometer a saúde e bem-estar dos alunos e por isso deve preocupar não só professores, como pais e toda a comunidade educativa responsável pelo bem-estar das crianças dentro da escola.

O carácter persistente do *bullying* provoca efeitos negativos para as vítimas que são diretamente atormentadas no seu dia-a-dia e afetadas no seu rendimento escolar (Stephan, Gomes e Lourenço, 2016)

O *bullying* acarreta danos psicológicos, físicos, mentais e sociais, a curto e longo prazo, para o resto da vida, enquanto adultos. “Problemas como delinquência, abuso de substâncias, abandono escolar, parentalidade precoce, depressão” (Carvalhosa, 2010, p.2).

A sua gravidade depende de vários fatores, nomeadamente do tipo de *Bullying*, das características dos intervenientes e do tempo de exposição (Sousa, Araújo e Pereira, 2016) e não somente interfere nas crianças envolvidas diretamente, mas também nos observadores, resultando num problema de impacto sobre um grande número de afetados por este fenómeno.

Para Pereira, Barbosa e Lourenço (2016, p.7), “os alunos envolvidos em *Bullying* são mais propensos ao insucesso escolar”. Salgado et al (2016) diz que os efeitos a longo prazo podem estar relacionados a perturbações na conduta social ou delinquência, envolvimento conflituoso com a lei, além de prejuízos no desenvolvimento de capacidades sociocognitivas. Pode levar também, a um maior número de analfabetos, consequência do absentismo e abandono escolar.

A longo prazo, os efeitos do *bullying* podem ser tão graves para as vítimas como para os agressores (Marques, 2016).

Entre os efeitos negativos da relação do *bullying* para as vítimas, têm sido identificadas situações de inadaptação à escola, depressão e abandono escolar (Marques, 2016).

Na infância as vítimas podem apresentar baixa-autoestima, incapacidade de autoaceitação, além de vários problemas psicológicos como ansiedade, stress e/ou depressão (Fante, 2005).

A curto prazo, as vítimas podem apresentar prejuízos na autoestima, dores de cabeça e estômago, dificuldade de concentração e distúrbios de sono, com dificuldades para dormir e pesadelos (Pereira, 2008, citado por Stephan, Gomes e Lourenço, 2016).

Calderero, Salazar e Caballo (2011) no seu artigo, apontam vários trabalhos que comprovam uma relação entre a vitimização ocasionada pelo *Bullying* e o surgimento do transtorno de ansiedade social entre jovens.

Enquanto crianças podem desenvolver sintomas como enurese noturna, alterações de sono, cefaleias (Lopes Neto, 2005) e enquanto adultos, os relacionamentos afetivos e relações no trabalho também podem ser comprometidos (Fante, 2005).

Também Bullok (2002) diz que as vítimas correm o risco de serem rejeitadas, entrarem em depressão, terem alterações na autoestima e elevado grau de ansiedade social, enquanto futuros adultos.

Mora-Merchán (2006, citado por Stephan, Gomes e Lourenço, 2016, p.232) aponta que se tem encontrado de forma consistente uma “relação causal entre as

experiências de vitimização e aparição de problemas psicológicos” e para Piedra (2006) um forte desejo de morte.

As vítimas sofrem em silêncio, muitas vezes associado ao medo que desenvolvem das retaliações que possam sofrer se os agressores descobrirem.

Comum às vítimas e agressores é a dificuldade de atingir objetivos escolares, conseqüente do comportamento disruptivo, assiduidade irregular, castigos frequentes e reprovações (Marques, 2016).

O *bullying* também gera conseqüências para quem o pratica.

Em relação aos agressores, são muitas vezes alvos de situações como faltas disciplinares, admoestação e períodos de suspensão devido ao seu comportamento na escola (Marques, 2016).

Podem gerar comportamentos antissociais e tornarem-se criminosos, praticarem comportamentos de risco, nomeadamente o consumo de tabaco, álcool e drogas (Leonardo, 2007).

Albuquerque (2007) diz ainda que uma das conseqüências do *Bullying* é a entrada dos jovens em gangues.

Carrillo e Bacelar (2010) declaram que o carácter persistente do Bullying, tem aspetos marcadamente negativos para as vítimas, nomeadamente no seu rendimento escolar, no caso das crianças e adolescentes e a longo prazo na depressão na vida adulta, seguida de dificuldades no desenvolvimento é manutenção de relações positivas.

Há também implicações para o outro grupo de estudantes, que embora não estejam diretamente envolvidos, acabam por testemunhar determinadas situações.

Podem desenvolver medo, insegurança e ansiedade, devido ao facto de sentirem que podem a certa altura tornarem-se também vítimas, como aquelas que veem a ser agredidas.

Escury e Dudink (2010, citados por Melim e Pereira, 2016) dizem que mesmo uma experiência de *bullying* pode ter impacto suficientemente forte para causar conseqüências imediatas ou mesmo crónicas.

Capítulo III- A Escola

3.1. O *Bullying* na Escola

A escola, para além de ser um lugar privilegiado para se adquirirem conhecimentos académicos, também “é um lugar onde se realizam interações sociais e se desenvolvem valores como o civismo, amizade, respeito, tolerância, entre outros”. Sendo estas premissas fundamentais a escola deveria ser um espaço de segurança, no entanto nem sempre é assim (Oliveira, 2012, p.38).

A agressividade na escola pode acontecer por diversos motivos como: a imitação de comportamentos adultos, vida familiar difícil, ausência parental e exigência de maior responsabilidade na escola (Oliveira, 2012).

3.2. Papel da Escola na Prevenção da Violência e do *Bullying*

Estudos indicam que, as “brincadeiras de mau-gosto” de antigamente, hoje são consideradas *bullying* (Oliveira, 2012, p.50).

O *Bullying*, sendo um fenómeno tão presente nas escolas nos dias de hoje, afetando negativamente as crianças e jovens das escolas, deve ter como base de intervenção, um cariz preventivo.

A escola deve estar preparada para diagnosticar intervir e prevenir atos de violência. O papel da escola é fundamental para que as crianças aprendam a refletir e a lidar com as suas emoções. De facto, alguns fatores que desencadeiam a violência encontram-se fora da escola, como os problemas familiares e sociais dos alunos. No entanto existem muitos fatores que são originados dentro da escola, como o desempenho académico dos alunos e a inadaptação aos currículos. Este insucesso provoca nos alunos a agressividade que impõem no contacto com os pares (Oliveira, 2012).

No que concerne à escola, os profissionais e educadores devem estar conscientes sobre essa forma de violência que o *bullying* é, e serem capacitados para diagnosticar, intervir e prevenir (Salgado et al, 2016).

Pereira (2008) diz que para prevenir o *Bullying* é necessário envolver toda a comunidade educativa, que é constituída por alunos, professores, funcionários, pais e outros elementos da comunidade local.

Mascarenhas (2006, p.100) ressalta que o “diagnóstico e a gestão do *bullying* e da indisciplina no ambiente escolar deve ser atividade de rotina. O gestor escolar, professor e outros profissionais que trabalham na escola devem à priori planear o diagnóstico e a prevenção do *bullying* e da indisciplina no estabelecimento onde atuam no sentido de fazer cumprir e respeitar os direitos e deveres da cidadania,

contribuindo para o fortalecimento de fundamentos da sociedade que se quer democrática, justa e solidária”.

Se houver uma suspeita de que um aluno é vítima de *bullying*, devemos partilhar as preocupações com outros professores e funcionários da escola, para que estes vigiem os recreios com maior atenção (Oliveira, 2012).

Desta maneira, deve-se implementar uma política de anti *bullying* através do envolvimento de toda comunidade educativa.

“É de extrema importância que as escolas não neguem que o problema existe e que se dissipe a noção, de pais e educadores, de que este tipo de comportamento é uma parte normal do crescimento” (Carvalhosa, 2010, p.5).

Neste sentido também Olweus (1998) considera que o *bullying* reduziria na escola se esta envolvesse a comunidade educativa em jornadas escolares sobre o tema e promovesse maior envolvimento dos pais em reuniões com professores colocando-os a par da gravidade sobre o assunto.

Pereira (2000) entende que os docentes deveriam realizar mais formação nesta área, considera também que os espaços considerados perigosos ou propícios a maior índice de violência como os recreios, deveriam ser alvo de melhoramentos e maior vigilância.

A escola deve ouvir e dar atenção às reclamações e denúncias dos alunos quando estas se referem a violência. “A escola tem um papel fundamental através de ações e programas preventivos que visem acabar com a violência no seu interior” (Oliveira, 2012, p.45).

2ª Parte- Estudo Empírico

Capítulo IV- Objetivos de Investigação

4.1. Introdução

Apresentado o posicionamento teórico de vários autores sobre a problemática desenvolvida nesta investigação, importa agora caracterizar o enquadramento metodológico, para esclarecer os procedimentos realizados ao longo deste estudo, para dar resposta aos objetivos inicialmente traçados.

No presente capítulo, serão apresentados tópicos como a definição do problema, os objetivos e as questões de investigação.

4.2. Definição do Problema de Investigação

Este estudo tem como base um problema que a aluna considera importante para si e para a sua formação, sobretudo pelo facto de poder aprofundar um tema que é bastante interessante e relevante para a sua profissão, dentro da área social.

O estudo do *bullying* é pertinente pois cada vez mais se verificam casos de violência entre pares na escola, pelo que vem sendo objeto de investigação e de estudos nas últimas décadas.

Para o presente estudo foi definido como problema, a necessidade de conhecer o *bullying* no ensino básico, primeiro e segundo ciclos, bem como fatores potenciadores, consequências e as estratégias adotadas pelas escolas na prevenção a este tipo de violência.

O *bullying* é um fenómeno antigo que acompanha as escolas e preocupa a sociedade atual. É fundamental que o *bullying* seja explorado em várias realidades, com vários protagonistas e em diferentes faixas etárias, com o intuito de combater este tipo de violência e de forma a planear e apresentar intervenções mais eficazes ao seu combate.

4.3. Questões de Investigação e Objetivos

Para o presente estudo foram definidas como questões de investigação:

- Quais são os tipos de *bullying* mais frequentes no primeiro e segundo ciclo do ensino básico?
- Qual é o perfil das vítimas e dos agressores de *bullying* no primeiro e segundo ciclo do ensino básico?
- Quais são as consequências para as vítimas e para os agressores, neste contexto?

- Quais são os espaços onde é mais propício ocorrerem episódios de *bullying*?
- O *bullying* é fator de preocupação para os professores?
- Existem estratégias de prevenção e de combate ao *bullying* no primeiro e segundo ciclo do ensino básico?

Para o presente estudo foram definidos como objetivos:

- Identificar os tipos de *bullying* mais frequentes, no primeiro e segundo ciclos do ensino básico;
- Conhecer o perfil das vítimas e dos agressores de *bullying*, no primeiro e segundo ciclos do ensino básico;
- Conhecer as consequências para as vítimas e para os agressores;
- Identificar os espaços da escola onde é mais propício ocorrerem situações de *Bullying*;
- Perceber se existem estratégias de prevenção e de combate ao *bullying* nas escolas onde foi realizado o estudo;
- Delinear um plano de intervenção.

Capítulo V- Metodologia de Investigação

Introdução

Num processo de investigação deve explicar-se, detalhadamente, os princípios metodológicos e métodos a utilizar. Neste capítulo, inclui-se, por isso, toda a explicitação e fundamentação no que diz respeito às opções metodológicas e ao processo heurístico seguido neste estudo.

5.1. Metodologia

No presente estudo opta-se por uma abordagem metodologia mista, onde se combina uma abordagem qualitativa e outra quantitativa de modo a obter uma explicação e compreensão mais ampla. Para tal, construíram-se questões abertas e entrevistas semiestruturadas para recolher dados qualitativos e questões fechadas para a recolha de dados quantitativos. Na metodologia qualitativa através da interpretação dos dados, a análise é feita de forma mais subjetiva. A metodologia quantitativa, caracteriza-se por um carácter objetivo, porque a análise dos dados é feita estatisticamente e o pesquisador não interfere nem nos dados, nem nos resultados.

Para Merriam (1998), a racionalidade desta estratégia reside no facto de se poder atingir o melhor de cada um dos métodos, pois que os defeitos de um método são, muitas vezes, os pontos fortes de outro, pelo que a combinação de métodos permite que se ultrapassem as suas deficiências específicas.

5.1.1. Instrumentos e Técnicas de Recolha de dados

Para a recolha de dados deste estudo, procedeu-se à aplicação de um questionário adaptado às características da sua população (crianças dos 8 aos 13 anos), assim como a realização de entrevistas semiestruturadas aos respetivos professores responsáveis.

O questionário aplicado, é uma adaptação de Olewus (1989) por Beatriz Oliveira Pereira e Ana Tomás de Oliveira (1994).

O questionário é um instrumento de recolha de dados característico dos métodos da pesquisa quantitativa, “que são utilizados quando se quer medir opiniões, reações, sensações, hábitos e atitudes etc... de um universo (público-alvo) através de uma amostra que o represente de forma estatisticamente comprovada” (Manzato e Santo, p.7).

Além disso, o questionário consegue atingir várias pessoas ao mesmo tempo, obtendo um grande número de dados (Miranda, p.42).

O questionário foi aplicado ao 3º, 4º, 5º e 6º anos de escolaridade. A turma de 3º ano é composta por 14 alunos e a do 4º ano por 17 alunos. Os estudantes do 5º e do 6º ano de escolaridade estão divididos respectivamente por 3 turmas (5ºA, 5ºB,

5ºC) (6ºA, 6ºB e 6ºC). Das turmas do 5ºano participaram 53 alunos e do 6º Ano, 61 alunos. No total, o questionário foi aplicado a 145 alunos.

O questionário é constituído por 6 perguntas de resposta aberta e 41 perguntas fechadas (Apêndice 1).

Na primeira parte, o questionário integra questões de cariz sociodemográfico de modo a que a investigadora possa caracterizar a população que integra a sua amostra e a segunda parte do questionário integra um conjunto de questões direccionadas a dar resposta aos seguintes objetivos: (1) Identificar os tipos de *bullying* mais frequentes, no primeiro e segundo ciclo do ensino básico; (2) Conhecer o perfil das vítimas e dos agressores de *bullying*, no primeiro e segundo ciclo do ensino básico; (3) Conhecer as consequências para as vítimas e para os agressores; (4) Identificar os espaços da escola onde é mais propício ocorrerem situações de *bullying*. É de referir que o inquérito por questionário foi construído com base em instrumentos previamente existentes e utilizados em investigações em Portugal.

Para a análise dos questionários recorreu-se ao programa *SPSS 20*.

A entrevista é um diálogo entre duas pessoas que pretende a recolha de determinadas informações que serão dadas pelos entrevistados. Para a realização da entrevista foi elaborado um guião de entrevista semiestruturada (Apêndice 2).

O facto de ser uma entrevista semiestruturada permite ao pesquisador, à medida que apresenta as perguntas previamente elaboradas, acrescentar novas perguntas ou excluir outras, de acordo com os objetivos do estudo, ou seja tem o mérito de ser aberto e flexível.

A entrevista semiestruturada não é inteiramente livre e aberta, implica a comunicação entrevistador e entrevistado, com carácter informal e um roteiro previamente estabelecido, mas flexível que permita que o entrevistado fale livremente acerca do assunto em estudo (Pardal & Lopes, 2011).

A entrevista apesar de não ser a técnica mais fácil de ser aplicada, talvez seja a mais eficiente para a obtenção das informações, conhecimentos ou opiniões sobre o assunto (Manzato e Santos) e por isso foram feitas entrevistas aos professores responsáveis pelas turmas onde foram aplicados os questionários.

Com a realização da entrevista pretende-se obter dados que respondam ao seguinte objetivo: (5) Perceber se existem estratégias de prevenção e de combate ao *bullying* nas escolas onde foi realizado o estudo.

5.1.2. Procedimentos

Para a parte da investigação do presente estudo foram aplicados e desenvolvidos vários procedimentos.

Em primeiro lugar, foi necessário contactar o diretor do Agrupamento de Escolas que a mestranda selecionou para desenvolver o seu estudo no sentido de apresentar os objectivos do Trabalho de Projeto e solicitar autorização realizar a investigação. Concedida a autorização, contactou-se a professora responsável pela escola onde se realizou a presente investigação, no sentido de solicitar a sua autorização e colaboração para a implementação do processo de recolha de dados.

Obtidas as autorizações, a investigadora contactou os professores responsáveis pelas turmas que integram a amostra do estudo, para que autorizassem e disponibilizassem tempo para os alunos responderem ao questionário e ainda o seu consentimento para serem entrevistados.

Seguindo as normas éticas e legais, foi também pedida autorização aos pais/cuidadores/ encarregados de educação para que autorizassem os seus educandos/filhos a participar no estudo e a responderem ao questionário.

Após o consentimento de todos os intervenientes, foi construído o guião da entrevista a aplicar aos professores responsáveis pelas turmas e o questionário para os alunos.

Posteriormente, foram novamente contactados os professores de modo a agendar a aplicação dos questionários aos alunos e as entrevistas aos professores.

Os questionários aos alunos foram aplicados em sala de aula, na hora de oferta complementar. Antes de se dar início ao preenchimento dos questionários, a mestranda deu explicações sucintas sobre os objectivos do estudo e sobre a forma de preenchimento do questionário. As perguntas do questionário foram lidas uma a uma, em voz alta, para testar a compreensão por parte dos alunos. A totalidade dos questionários foi aplicada, nas diferentes escolas, na mesma semana.

Após a aplicação dos questionários foi realizada a análise estatística dos resultados e para isso foi utilizado o programa SPSS.

Efetuaram-se entrevistas a oito Professores, dois professores do 1º ciclo do Ensino Básico e 6 Diretores de turma do 2º ciclo do Ensino Básico. As entrevistas foram realizadas no espaço das escolas e em horário previamente acordados.

Antes de se dar início à entrevista procedeu-se à explicação dos objetivos pretendidos com a entrevista em questão, esclarecendo-se ainda eventuais dúvidas sobre a entrevista.

5.1.3. Caracterização da amostra

Para o presente estudo definimos como população, estudantes com idades compreendidas entre os 8 e os 13 anos, do 3ª ao 6º ano de escolaridade. A amostra é constituída por 145 estudantes pertencentes a 8 turmas (3º, 4º, 5º A, 5ºB, 5ºC, 6ºA, 6ºB e 6ºC) de um agrupamento de escolas do concelho de Celorico da Beira. A

amostra é por conveniência, já que se procuram obter dados específicos de uma população previamente constituída por grupos, no caso turmas, e de fácil acesso em termos da recolha de dados.

As 8 turmas selecionadas abrangem 4 anos de escolaridade diferentes de modo a estudar as diferentes formas de *bullying* tendo em função da idade, o ano de escolaridade e principalmente fazer a comparação entre os dois ciclos, uma vez que se encontram num período de transição, de modo a perceber quais os tipos e as características do *bullying* nestes períodos.

Da totalidade da amostra, verifica-se que 52% (n= 76) dos alunos pertencem ao sexo masculino e 48% (n= 69) ao sexo feminino. Houve uma distribuição relativamente homogénea dos sujeitos pelas 8 turmas, com 10% (n= 14) no 3º ano, 12% (n= 17) no 4º ano, 14% (n= 20) no 5ºA, 9% (n= 13) no 5ºB, 14% (n= 20) no 5ºC, 14% (n= 20) no 6ºA, 13% (n= 19) no 6ºB e por fim, 15% (n= 22) no 6ºC.

Conta-se então com 31 alunos (21%) no 1º ciclo e 114 alunos (79%) para o segundo ciclo, que ocupa a parcela maior quando comparando os dois ciclos do ensino básico aqui estudados. (Tabela Nº2)

Tabela 2- Distribuição da amostra por sexo e ano de escolaridade

Masculino - n= 76 52%				Feminino=69 48%			
1º CICLO		2º CICLO					
3º	4º	5ºA	5ºB	5ºC	6ºA	6ºB	6ºC
n=14	n=17	n=20	n=13	n=20	n=20	n=19	n=22
10%	12%	14%	9%	14%	14%	13%	15%
Total de Alunos=145 (100%)							

Foram ainda entrevistados 8 diretores de turma, responsáveis pelas turmas anteriormente referidas, de uma escola inserida num meio rural.

A tabela 3 apresenta sinteticamente a caracterização dos 8 professores entrevistados. Inclui elementos acerca: da idade, habilitações académicas e o tempo de serviço.

Tabela 3- Dados Biográficos dos Diretores de turma

DADOS BIOGRÁFICOS					
Ciclo	Identificação	Sexo	Idade	Habilitações Académicas	Tempo de Serviço
1º Ciclo do Ensino Básico	DT 3º	Feminino	56 anos	Mestrado	35 anos
	DT 4º	Feminino	51 anos	Licenciatura	25 anos
2º Ciclo do Ensino Básico	DT 5º A	Masculino	59 anos	Licenciatura	32 anos
	DT 5º B	Feminino	51 anos	Licenciatura	25 anos
	DT 5º C	Masculino	57 anos	Licenciatura	30 anos
	DT 6º A	Masculino	54 anos	Mestrado	32 anos
	DT 6º B	Feminino	55 anos	Licenciatura	30 anos
	DT 6º C	Masculino	49 anos	Licenciatura	25 anos

Capítulo VI- Apresentação e Análise dos dados

Introdução

Após a recolha dos dados procedeu-se à organização dos mesmos através da análise quantitativa e qualitativa dos dados obtidos pelos instrumentos.

Optou-se por apresentar, em primeiro lugar, os resultados do questionário aplicado aos alunos do 1º ciclo e do 2º ciclo do Ensino Básico. Para cada questão do questionário, quer as questões abertas quer as fechadas, são apresentados os dados obtidos pelos alunos do 1º ciclo e do 2º ciclo do Ensino Básico. Para a apresentação dos dados recorreu-se ao uso de gráficos e tabelas, complementados com a respectiva análise descritiva.

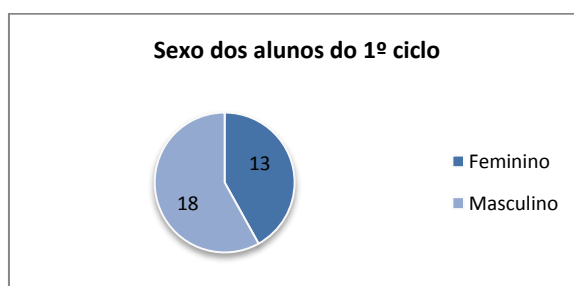
6.1. Apresentação e Análise dos Resultados

6.1.1. Questionários aos alunos

Caraterização sociodemográfica dos alunos do 1º e 2º ciclo do Ensino Básico

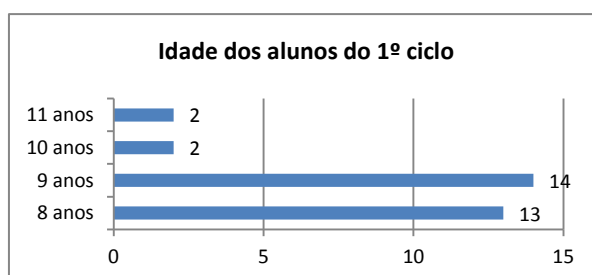
I- Sexo e Idade

Gráfico 1- Sexo dos alunos do 1º ciclo



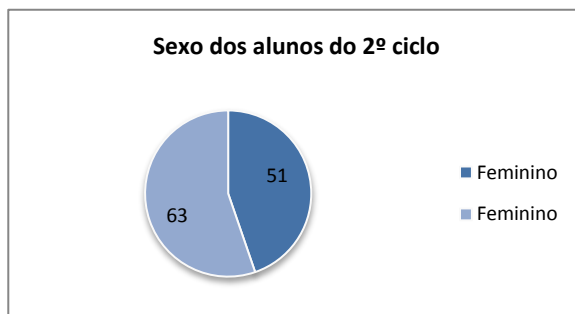
No primeiro ciclo a amostra é composta por 31 alunos, em que 58% (n=18) são do sexo masculino e 48% (n=13) do sexo feminino.

Gráfico 2- Idade dos alunos do 1º ciclo



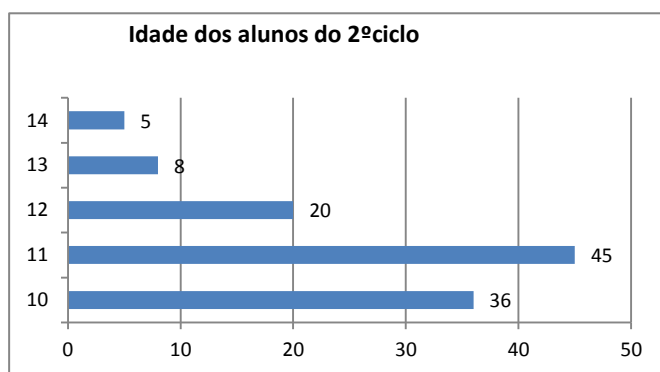
A média de idades dos alunos do 1º ciclo é de aproximadamente 8,8 anos e a mediana é igual a 9 anos.

Gráfico 3- Sexo dos alunos do 2º ciclo



No segundo ciclo a amostra é composta por 114 alunos, em que 55% (n=63) pertencem ao sexo masculino e 45% (n=51) ao sexo feminino.

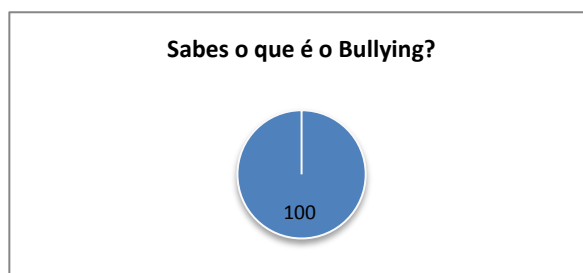
Gráfico 4- Idade dos alunos do 2º ciclo



A média de idades dos alunos do 2º ciclo é de aproximadamente 11,1 anos e a mediana é igual a 11 anos.

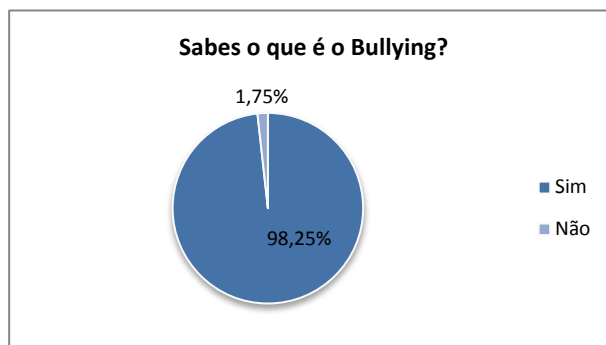
II- Sabes o que é o *Bullying*?

Gráfico 5- Sabes o que é o *Bullying*?



No 1º ciclo do EB, todos os alunos responderam “Sim” sobre se sabiam o que é o *Bullying* (Gráfico 5).

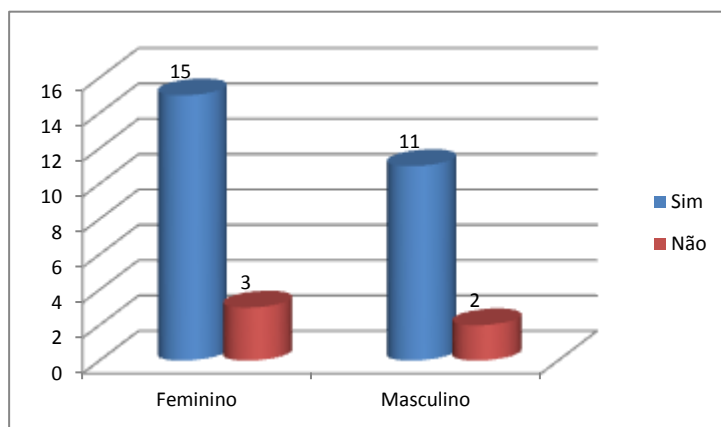
Gráfico 6- Sabes o que é o *Bullying*? 2º ciclo



O gráfico 6 apresenta a percentagem de alunos que sabem o que é o *Bullying*. Como se pode observar o número de alunos que não sabe o que é o *Bullying* é bastante reduzido (2%) e diz respeito a 2 alunas.

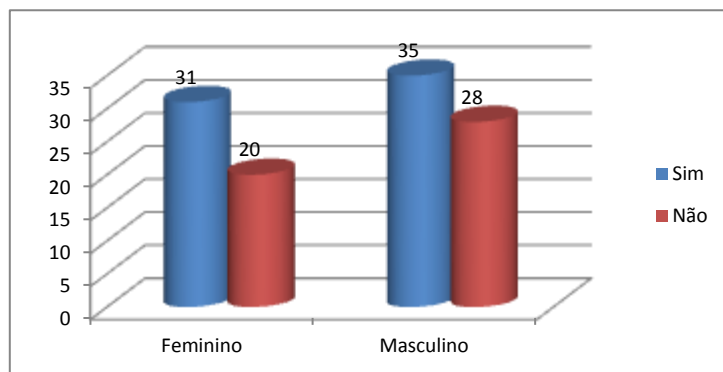
III- Já sofreste algum tipo de violência na tua escola?

Gráfico 7- Já sofreste algum tipo de violência na tua escola? 1º ciclo



Os dados do Gráfico 7, mostram que os alunos do 1º ciclo afirmam já ter sido vítimas de violência, sendo maior o número de raparigas que referem ter sido vítimas comparativamente aos rapazes.

Gráfico 8- Já sofreste algum tipo de violência na tua escola? 2º ciclo



No segundo ciclo, o número de alunos que já foi vítima de algum tipo de violência é maior no género masculino (Gráfico 8).

Verifica-se que em ambos os ciclos, tanto os rapazes como as raparigas sofreram algum tipo de violência.

IV- que sofreste?

Qual foi o tipo de violência

Tabela 4- Qual foi o tipo de violência que sofreste?

Tipo de Agressão	1º ciclo		2º ciclo	
	F	M	F	M
Chamaram-me nomes feios;	13	10	25	24
Disseram coisas más sobre mim	2	7	18	22
Bateram-me	4	10	10	19
Ignoraram-me	3	3	14	10
Empurraram-me	5	9	20	23
Obrigaram-me a fazer coisas que me deixaram desconfortável	4	1	5	5
Ameaçaram-me	1	4	11	12
Gozaram-me	7	9	18	21
Fizeram intrigas sobre mim	4	5	12	9
Não me deixaram participar nas atividades/ brincadeiras	5	8	8	10
Não aconteceu nada	3	2	19	26

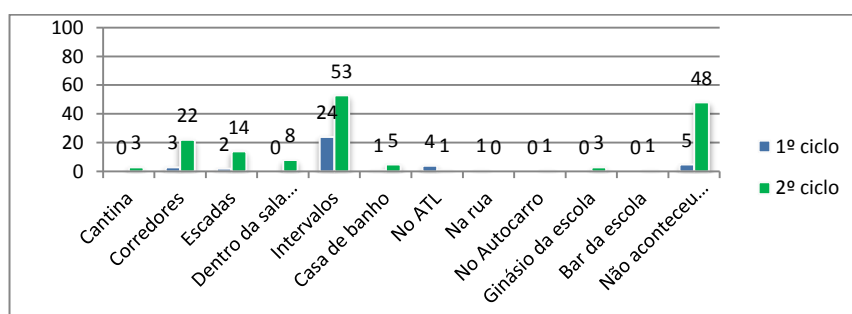
Tal como exposto na tabela 4, verifica-se que os tipos de violência descritos correspondem a situações de *bullying* quer direto quer indireto, sendo que no 1º ciclo estão incluídos o verbal, o físico e o sexual (com as opções bateram-me, empurraram-me e obrigaram-me a fazer coisas que me deixaram desconfortável). No 2º o Bullying psicológico e social (com as restantes opções).

Neste estudo em específico não foi abordado pela investigadora o *bullying* virtual ou *cyberbullying*, por isso não há dados sobre esta forma de *bullying*.

A tabela mostra que são os rapazes que mais são vítimas de violência, em ambos os ciclos de escolaridade. Quanto ao tipo de agressão, pode afirmar-se que os rapazes deste estudo são as principais vítimas de todos os tipos de *bullying*.

V- Sítios onde ocorreram as situações de violência.

Gráfico 9- Sítios onde ocorreram as situações de violência

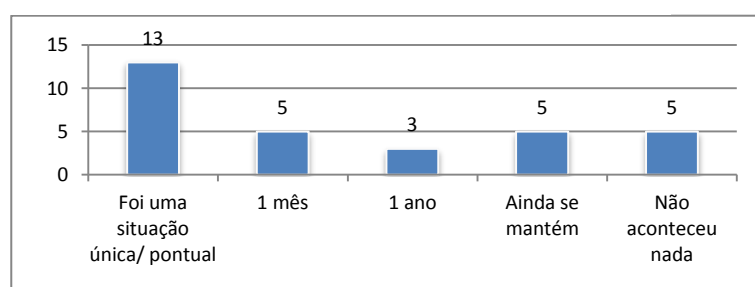


Tanto no 1º como no 2º ciclo, os espaços onde ocorrem as situações de violência são principalmente “nas escadãs”, “nos corredores” e “nos intervalos”, espaços onde há maior probabilidade de não haver adultos em número suficiente para supervisionarem as crianças.

Verificou-se que também fora da escola surgiram agressões em sítios como o ginásio da escola (situado fora da escola), no autocarro e em casa (Gráfico 9).

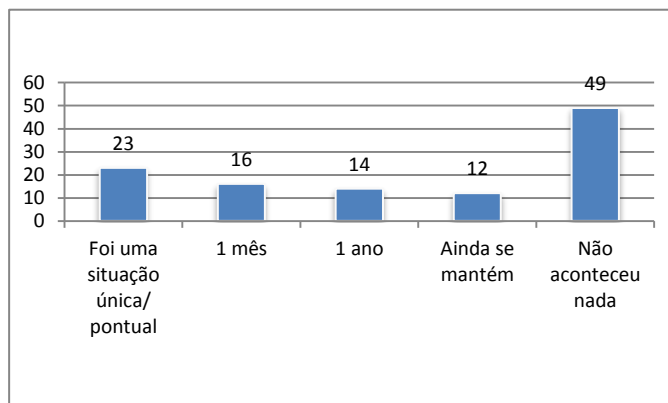
VI- Quanto tempo durou essa situação?

Gráfico 10- Quanto tempo durou essa situação? 1º ciclo



Apesar de o maior número de alunos ter selecionado que “foi uma situação única/ pontual”, há vários alunos que demonstram ter passado por situações que ocorreram mais do que uma vez (Gráfico 10).

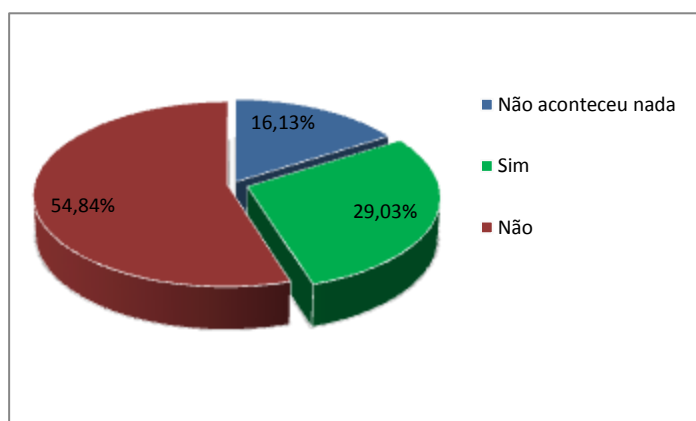
Gráfico 11- Quanto tempo durou essa situação? 2º ciclo



Tal como se pode verificar no Gráfico 11, no segundo ciclo a opção “não aconteceu nada” é a opção mais escolhida pelos alunos. Comparando com o 1º ciclo, também no 2º ciclo muitos alunos referem ter passado por situações de agressão uma única vez.

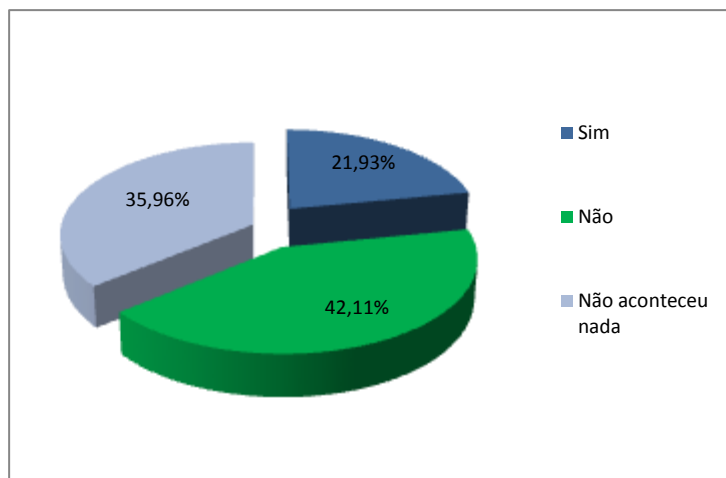
VII- Quando essa situação aconteceu, estavas sozinho?

Gráfico 12- Quando essa situação aconteceu, estavas sozinho? 1º ciclo



No 1º ciclo, segundo os dados do gráfico 12, os alunos que foram agredidos, referem ter estado sozinhos durante a agressão (Gráfico 12). Por outro lado, referem que o agressor não se encontrava sozinho.

Gráfico 13- Quando essa situação aconteceu, estavas sozinho? 2º ciclo

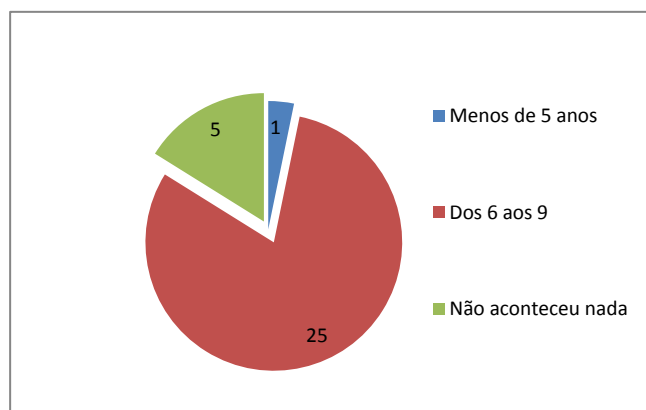


No 2º ciclo, os alunos referem que quando foram agredidos não estavam sozinhos. Mas tal como no 1º ciclo, os agressores não se encontravam sozinhos quando agrediram.

VIII- aconteceu?

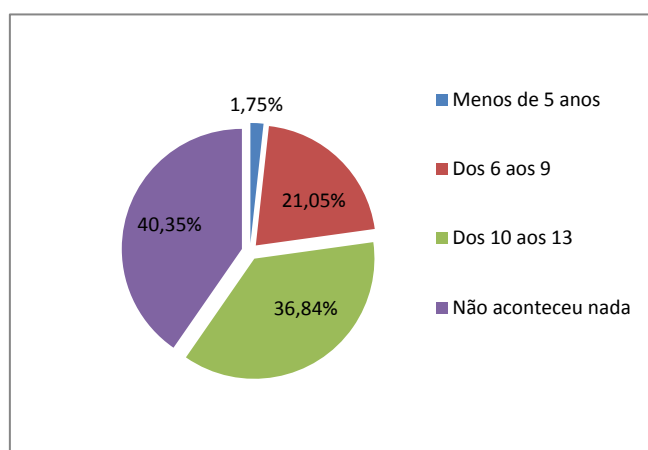
Que idade tinhas quando

Gráfico 14- Que idade tinhas quando aconteceu? 1º ciclo



A maioria dos alunos afirma que foi agredida entre os 6 e os 9 anos de idade. (Gráfico 14). Comparando com a idade dos agressores, pode afirmar-se que os agressores têm praticamente a mesma idade. Os alunos responderam que os alunos que os agrediram também tinham entre 6 e 9 anos.

Gráfico 15- Que idade tinhas quando aconteceu? 2º ciclo

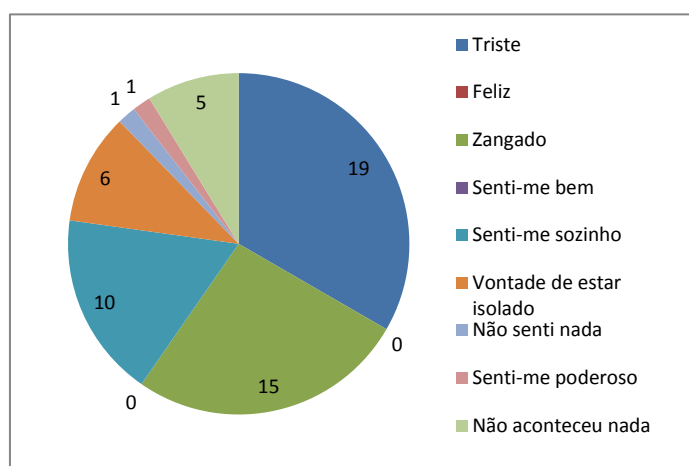


No 2º ciclo os alunos referem que a idade que tinham quando foram agredidos estava entre os 10 aos 13 anos (Gráfico 15). Tal como no 1º ciclo, também agressores, tinham idades compreendidas entre os 10 e os 13 anos.

Verificamos assim, que tanto no 1º como 2º ciclo, as vítimas e agressores têm idades próximas.

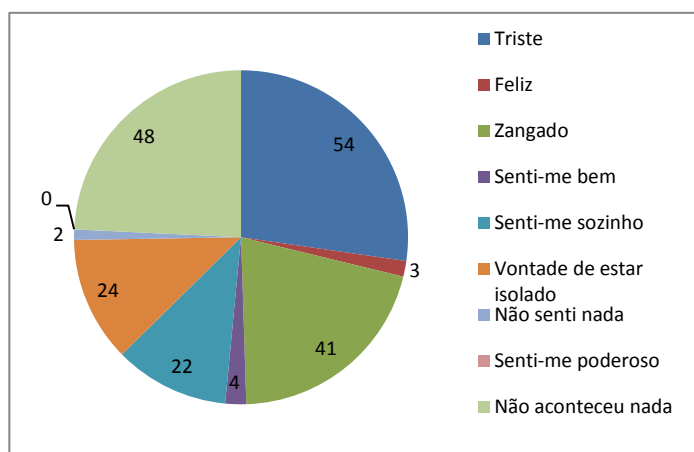
IX- Como te sentiste depois de teres passado por essa situação?

Gráfico 16- Como te sentiste depois de teres passado por essa situação? 1º ciclo



Os sentimentos “triste” e “zangado” são os mais escolhidos pelos alunos para caracterizarem a forma como se sentiram após a agressão (Gráfico 16).

Gráfico 17- Como te sentiste depois de teres passado por essa situação? 2º ciclo



Como se pode ver no gráfico 17, os sentimentos são semelhantes no 2º ciclo.

X- aconteceu?

Contaste a alguém o que

Tabela 5- Contaste a alguém o que aconteceu?

Contaste a alguém o que aconteceu?	1º CICLO				2º CICLO			
	SIM		NÃO		SIM		NÃO	
	F	M	F	M	F	M	F	M
	n=14 45%	n=10 32%	n=1 3%	n=1 3%	n=28 25%	n=28 25%	n=5 4%	n=6 5%
TOTAL	n=24 77%		n=2 6%		n=56 50%		n=11 9%	
	n=26 84%				n= 67 59%			
NOTAS	5 (16%) alunos responderam “Não aconteceu nada”				47 (41%) alunos responderam “Não aconteceu nada”.			

A resposta “Não aconteceu nada”, foi a resposta escolhida pelos alunos para identificar que não passaram por nenhuma situação de Violência e por isso não contaram a ninguém o que aconteceu.

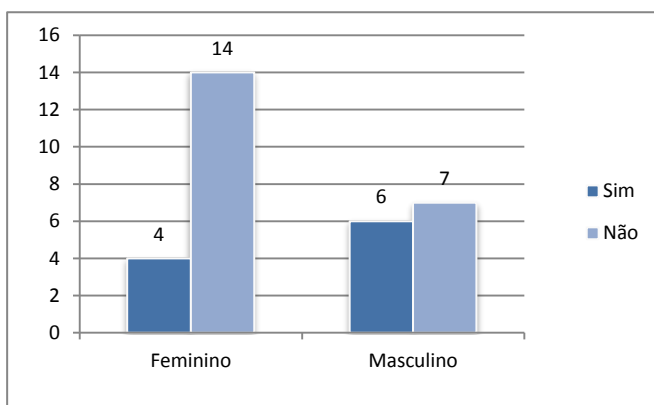
Em ambos os ciclos, os alunos dizem contar a alguém o que aconteceu.

No 1º ciclo, os alunos procuram essencialmente os pais para conversar sobre o que aconteceu. Já no 2º ciclo, os alunos escolheram a opção “amigo”, como sendo a opção em quem confiam o que lhes aconteceu, de seguida a opção “mãe”.

XI- escola?

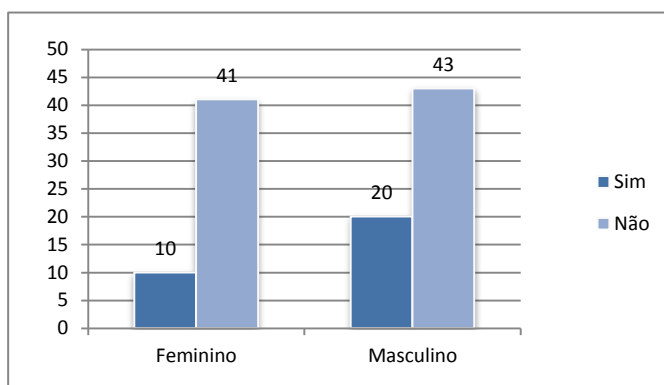
Já agrediste alguém na tua

Gráfico 18- Já agrediste alguém na tua escola? 1º ciclo



No 1º ciclo, na sua maioria os alunos referem nunca ter agredido ninguém na escola. No entanto, segundo os dados dos alunos que dizem agredir, são os rapazes (n=6 19%) os principais agressores, comparando com as raparigas (n=4 13%) (Gráfico 18).

Gráfico 19- Já agrediste alguém na tua escola? 2º ciclo



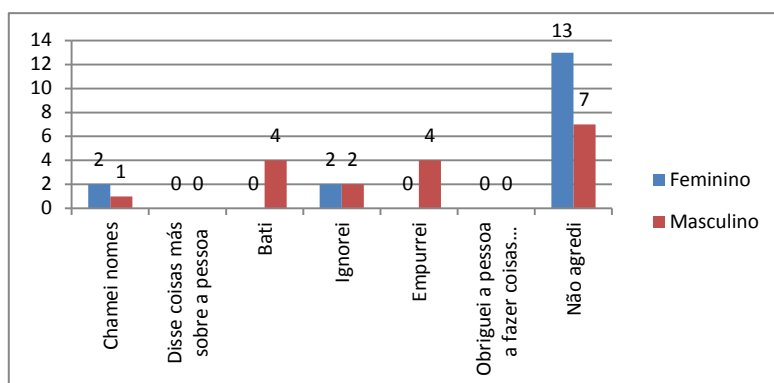
Comparando com o 1º ciclo, Também no 2º ciclo, são os rapazes (n=20 alunos 18%) que mais agridem (Gráfico 19).

Em ambos os ciclos, foram os rapazes a apresentar maior envolvimento em situações de *bullying*, como agressores. Os resultados indicam que foi o sexo masculino a apresentar mais comportamentos de *bullying*.

O número de raparigas que se consideram agressoras é menor que a dos rapazes.

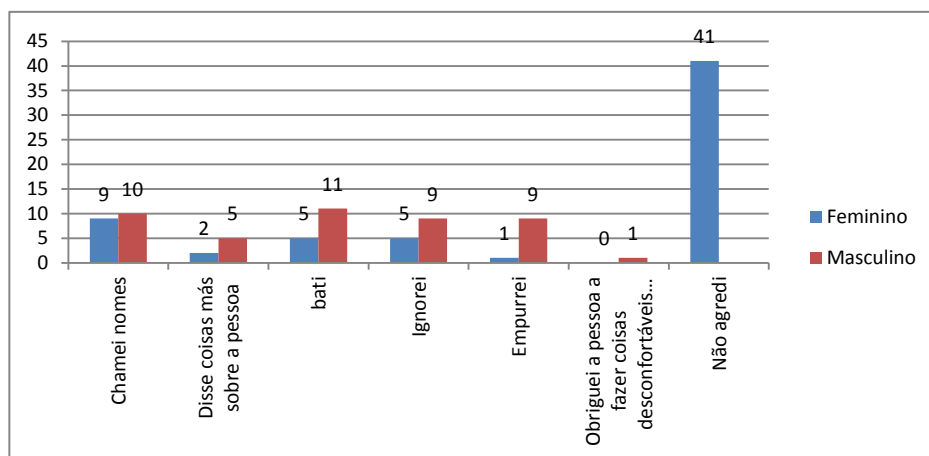
XII- De que maneira agrediste?

Gráfico 20- De que maneira agrediste? 2º ciclo



No primeiro ciclo, pode afirmar-se que o *bullying* que o sexo feminino pratica é mais verbal e psicológico, ao contrário do sexo masculino que tem atitudes agressivas caracterizadas por contacto físico como “bati” e “empurrei”.

Gráfico 21- De que maneira agrediste? 1º ciclo



No segundo ciclo, os rapazes são os principais agressores em todo o tipo de agressão. Nesta situação, em específico, também as raparigas se destacam pela opção “chamei nomes”, ainda que tenham uma presença inferior à dos rapazes (gráfico 21).

Comparando ambos os ciclos, pode chegar-se à conclusão que os rapazes são agressores em maior número do que as raparigas e assumem-se como tal.

XIII- Idades dos agressores e das vítimas

Tabela 6- Idade dos agressores e das vítimas. 1º ciclo

Idade	Tinhas que idade quando agrediste?	A pessoa que agrediste tinha que idade?
- de 5	0	0
Dos 6 aos 9	9	10
Dos 10 aos 13	0	0
+ de 14 anos	1	0
NAN	21	21

Tabela 7- Idade dos agressores e das vítimas. 2º ciclo

Idade	Tinhas que idade quando agrediste?	A pessoa que agrediste tinha que idade?
- de 5	0	0
Dos 6 aos 9	7	14
Dos 10 aos 13	25	25
+ de 14 anos	1	0
NAN	81	75

Legenda:

NAN= Não aconteceu nada

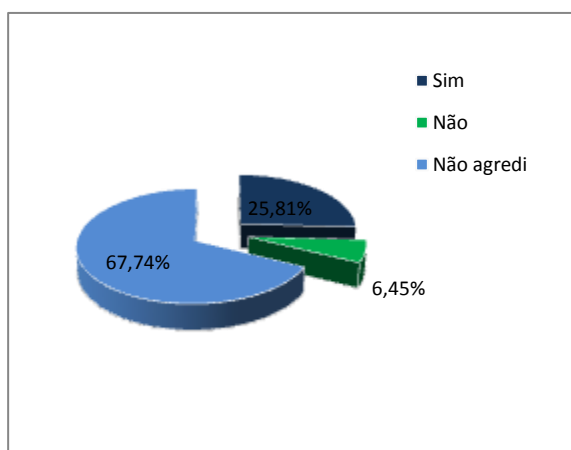
A tabela 6 diz-nos que tanto agressor como vítima tinham praticamente a mesma idade, e frequentavam a mesma turma, quando ocorreram as agressões.

No 2º ciclo, os dados dizem que o agressor e a vítima na maioria das vezes, tal como acontece no 1º ciclo, são praticamente da mesma idade. Em alguns casos, as

vítimas eram/ são mais novas que o agressor (tabela 7), embora frequentem a mesma turma.

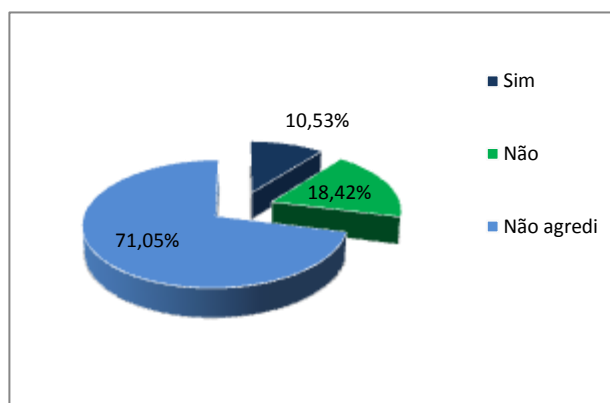
XIV- Quando agrediste estavas sozinho?

Gráfico 22- Quando agrediste estavas sozinho? 1º ciclo



Segundo os dados do gráfico, 26% (n=8) dos alunos do 1º ciclo, quando agrediram encontravam-se sozinhos.

Gráfico 23- Quando agrediste estavas sozinho? 2º ciclo



No segundo ciclo, 18% (n=21) dos agressores dizem não estar sozinhos durante a agressão.

XV-

E a pessoa que agrediste, estava sozinha?

Gráfico 24-E a pessoa que agrediste, estava sozinha? 1º ciclo

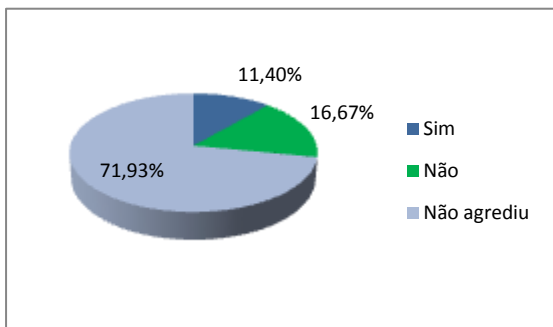
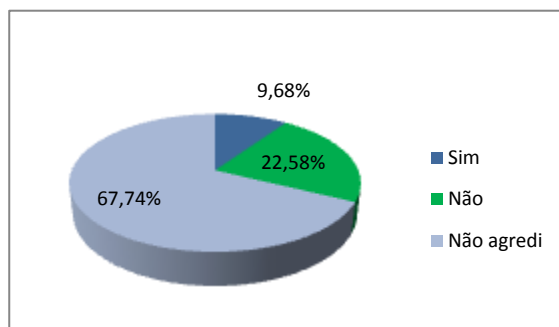


Gráfico 25- E a pessoa que agrediste, estava sozinha? 2º ciclo



Tendo em conta os gráficos 22 e 23, em ambos os ciclos, a vítima não estava sozinha, quando foi agredida (Gráficos 24 e 25).

Em relação à pergunta, “Em que sítio ocorreu esse episódio”, os alunos do 1º ciclo dizem que os sítios onde agrediram continuam a ser os espaços que têm e em que estão desacompanhados, “os intervalos”.

O mesmo acontece no 2º ciclo, os alunos assinalam os sítios onde agrediram: “nos intervalos” e “nos corredores”.

À pergunta “Foste chamado à atenção por teres agredido alguém”, os alunos referem ter sido chamados à atenção após terem agredido, em ambos os ciclos.

No 1º ciclo, quando questionados sobre como se sentiram após terem agredido um colega, os alunos demonstram emoções como tristeza e raiva, maioritariamente.

No 2º ciclo, para além das emoções já indicadas, acrescenta-se ainda “senti-me bem”.

XVI- Já presenciaste alguma situação de *Bullying*?

Gráfico 26- Já presenciaste alguma situação de *Bullying*?

1º ciclo

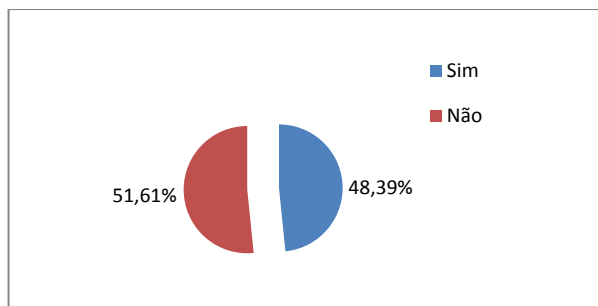
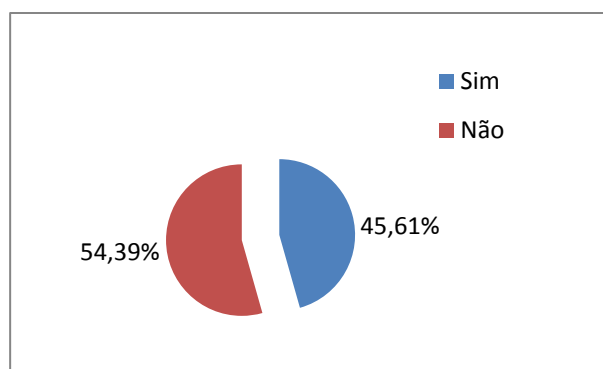


Gráfico 27- Já presenciaste alguma situação de *Bullying*? 2º ciclo



Em ambos os ciclos, o número de alunos que assistiu e não assistiu estão bastante próximos (Gráficos 26 e 27).

Em ambos os ciclos, os dados dizem que os rapazes assistiram a mais comportamentos de *bullying* do que as raparigas.

Perante a situação, os alunos demonstraram ter sentido pena dos alunos que presenciaram a ser agredidos.

XVII- Como reagiste perante essa situação?

Gráfico 28- Como reagiste perante essa situação? 1º ciclo

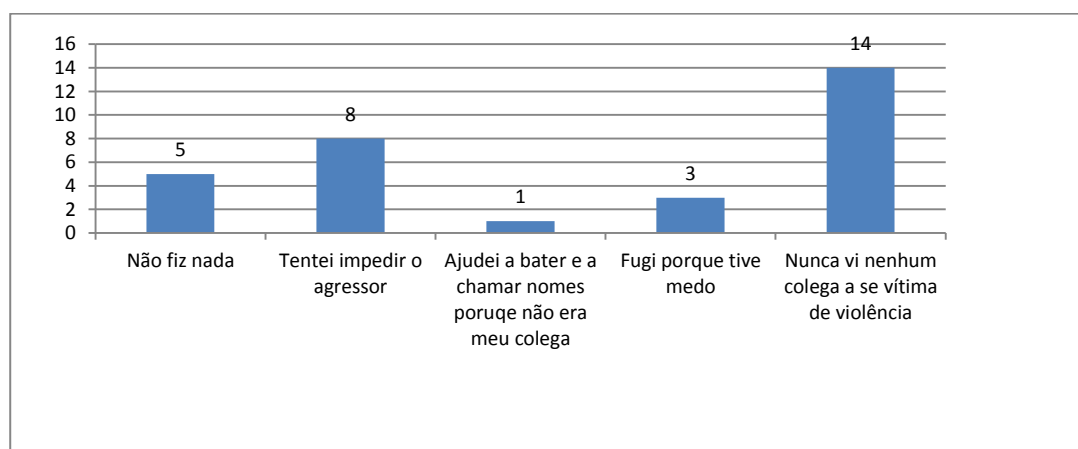
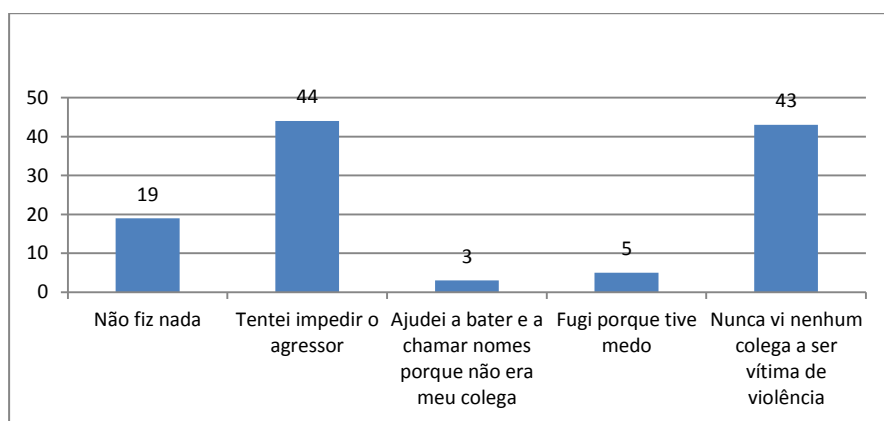


Gráfico 29-Como reagiste perante essa situação? 2º ciclo



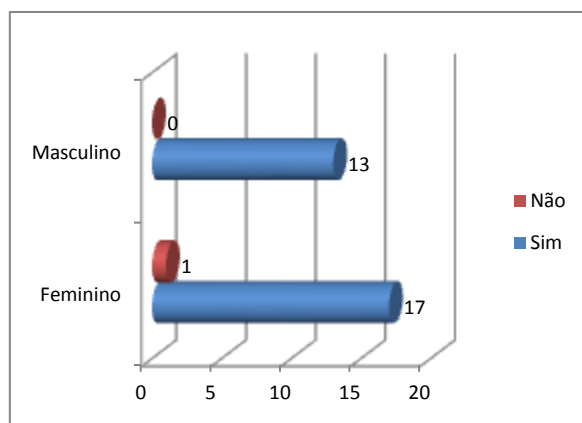
Nos gráficos pode analisar-se que em ambos os ciclos, perante uma situação de agressividade, os alunos procuraram “tentar impedir o agressor” de magoar a vítima. 26% dos alunos (n=8) no 1º ciclo e 39% dos alunos (n=44) no 2º ciclo tentaram impedir o agressor).

Em relação à pergunta “contaste a alguém” e “a quem”, os alunos do 1º ciclo responderam, procurar mais vezes a mãe e um funcionário para pedir ajuda e contar o que aconteceu. No 2º ciclo, perante uma situação de *bullying*, os alunos referem recorrer principalmente à “mãe” e a um “amigo” para contar o que presenciaram.

XVIII- escola?

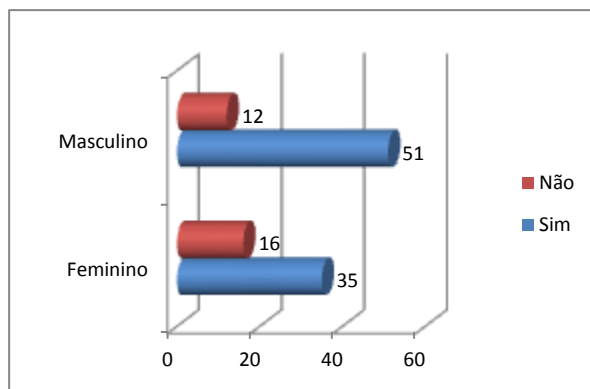
Sentes-te seguro na tua

Gráfico 30- Sentes-te seguro na tua escola? 1º ciclo



No primeiro ciclo, 97% (n=30) dos alunos dizem sentir-se em segurança na escola, apenas uma rapariga diz não se sentir segura na escola que frequenta (Gráfico 30).

Gráfico 31- Sentes-te seguro na tua escola? 2º ciclo



No 2º ciclo, 25% (n=28) dos alunos escolheram a opção “não” para definirem se se sentiam seguros na escola.

Analisando os dois ciclos, pode afirmar-se que as raparigas são as que mais se sentem inseguras dentro da escola que frequentam, quando comparados dados entre géneros. Por outro lado, os dados que dizem que os rapazes se sentem seguros, são mais elevados.

XIX- Tens conhecimento de atividades e tiveste a possibilidade de participar?

Tabela 8- Tens conhecimento de atividades e tiveste a possibilidade de participar?

“Tens conhecimento da tua escola ter dinamizado atividades de informação e sensibilização sobre o Bullying na tua escola?”				“Caso tenhas tido conhecimento, participaste em alguma atividade de sensibilização sobre o Bullying na tua escola?”			
1º ciclo		2º ciclo		1º ciclo		2º ciclo	
Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Não
n=19 61%	n=12 39%	n=49 43%	n=65 57%	n=19 61%	n=12 39%	n=37 32%	n=77 68%

Ao contrário do que acontece no 1º ciclo, no 2º ciclo a maioria (57%) dos alunos refere não ter conhecimento de atividades desenvolvidas pela escola sobre esta problemática e consequentemente não participou em atividades sobre *bullying* (Tabela 8).

XX- Achas que falar sobre este tema é importante para diminuir a violência na escola que frequentas e nas outras escolas?

Gráfico 32- Achas que falar sobre este tema é importante para diminuir a violência na escola que frequentas e nas outras escolas? 1º ciclo

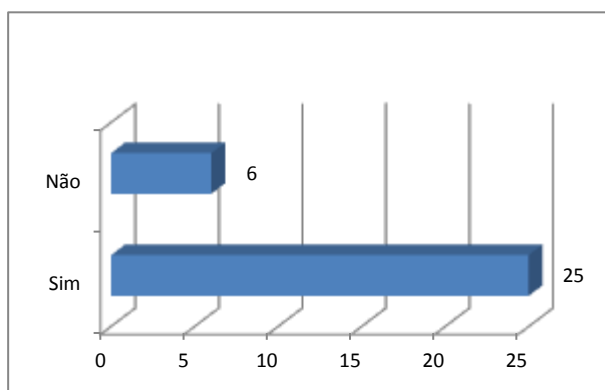
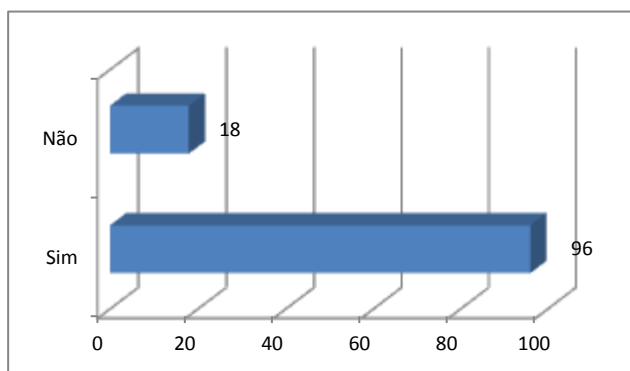


Gráfico 33- Achas que falar sobre este tema é importante para diminuir a violência na escola que frequentas e nas outras escolas? 2º ciclo



No 1º ciclo, 81% (n=25) dos alunos considera que falar sobre este tema é importante para diminuir a violência nas escolas.

Também no 2º ciclo, 84% (n=96) dos alunos considera importante falar sobre este tema para diminuir a violência.

6.1.2. Entrevistas aos Professores

As entrevistas realizadas aos professores tiveram como objetivo responder às seguintes questões de investigação: “O *bullying* é fator de preocupação para os professores?” e “Existem estratégias de prevenção e de combate ao *bullying* no primeiro e segundo ciclo do ensino básico?”.

De seguida, apresentamos a análise realizada ao conteúdo das entrevistas realizadas aos Responsáveis pelas turmas/ Diretores de turma.

Em relação à primeira questão, cujo objetivo é conhecer a opinião dos professores sobre o papel da escola na deteção e prevenção e combate ao Bullying, todos os professores entrevistados consideram que é um papel importante.

A segunda questão “Considera que a prevalência do *bullying* no 1º e 2º ciclos do ensino básico é baixa ou alta?”, divide as opiniões dos Diretores de turma. Três professores consideram “que é baixa” (DT 3º ano), dois acreditam “que é alta, cada vez é mais alta” (DT 6ºB) e também há um professor que considera que “Isso agora é por tudo e por nada, se diz que é *bullying*, portanto, aquelas brincadeiras que fazem crescer os miúdos, não podem muitas vezes ser encaradas como *bullying*, mas os miúdos naturalmente são maus uns para os outros...” (DT 6ºA).

Em relação ao perfil da vítima, os Diretores de Turma identificam as seguintes características: “elo mais fraco” (DT 3ºano), “aluno mais acanhado (...) muito protegidos em casa” (DT 4ºano), “mais tipo betinhos” (DT 5ºA), “com baixa autoestima” (DT 5ºB), “mais tímidos (...) não se conseguem defender” (DT 5ºC), “não têm muitos amigos” (DT 6ºB) e “educados, elegantes no trato” (DT 6ºC).

Já em relação ao agressor, as características apontadas pelos professores remetem para crianças e jovens revoltados e provenientes de famílias desestruturadas. São “miúdos muito nervosos” (DT 5ºA); “O perfil do agressor dá-me a sensação que tem a ver um bocadinho com, com a história de casa... (...) famílias desestruturadas, famílias com problemas. É de onde às vezes surgem geralmente os agressores (...) um miúdo mais, sei lá, mais revoltado, um miúdo, hmm, com, pronto também com algumas especificidades” (DT 5ºB) e que “não têm o apoio suficiente em casa, hmm, e depois, hmm, quando vêm para a escola extravasam a violência nos colegas” (DT 5ºC). Referem também que os agressores são crianças mais velhas, com mais poder e que possivelmente já passaram também elas por situação de vitimização: “O agressor à partida poderá ser uma pessoa, uma pessoa mais velha e com alguma influência, com alguma influência e à partida em termos de valores” (DT 6ºC) e que “a maior parte das vezes, o agressor já sofreu de *bullying*” (DT 6ºB).

As respostas à questão “Qual é o papel do DT na prevenção e/ou combate ao *bullying*?”, mostram que quatro diretores de turma dizem ser importante e quatro afirmam ser “muito importante” (DT 5ºC). Três dos diretores de turma fazem

referência a técnicas que praticam para prevenir o *bullying*, tais como sessões de informação, debates sobre problemas que surjam na turma e visualização de filmes para reflexão das práticas dos alunos na escola... “faço sessões de debate quando há um problema na minha turma” (DT 4º ano), “explicar o que é o *bullying* e para não praticarem o *bullying*” (DT 5ºA) ou até implementar ideias do que fazer e não fazer através da visualização de “um filme” (DT 6ºB).

Quando questionamos os professores sobre a sua preparação para intervir e/ou prevenir o *bullying*, cinco Diretores de turma respondem positivamente “Sim, acho que sim” (DT 3º ano), três referem não se sentir preparados, mas no entanto um dos diretores de turma diz que apesar de não se sentir preparado, “tenta resolver da melhor maneira naturalmente” (DT 6ºA).

Perante uma situação de *bullying*, os diretores de turma afirmam que têm de intervir e identificam as seguintes estratégias para lidar com a situação: “conversar com os alunos” (DT 5ºA), “chamar os pais, informar a direção da escola (...) falar com psicólogo” (DT 5ºB) e um deles fala sobre fazer encaminhamento para outro tipo de entidades como “a CPCJ (Comissão de Proteção de Crianças e Jovens) ou já não digo para a GNR (Guarda Nacional Republicana), mas para a CPCJ” (DT 6ºB)

Quando questionados sobre a importância de haver formação sobre esta problemática, sete diretores de turma consideram importante haver formação nesta área, para estarem melhor preparados para intervir nas situações de *bullying* e um diretor de turma não considera importante ou necessária a formação sobre *bullying*... “Não sei, hmm, não sei (...) E eu penso que se houvesse uma formação para escolher sobre o *bullying* eu não escolhia, porque acho que eu ainda tenho capacidade para resolver a situação” (DT 3º ano).

Apesar de 7 dos entrevistados considerarem importante e necessária a formação neste âmbito, a maioria (5 diretores de turma) afirma que não teve a oportunidade de participar em ações de formação que lhes permitisse conhecer a problemática do *bullying*, as suas dinâmicas e repercussões e estratégias de prevenção e intervenção, qualquer que fosse a modalidade (oficinas de trabalho, círculos de discussão, seminários ou palestras).

Quando questionados sobre a existência de atividades que a escola implementou e/ou implementa com o objectivo de sensibilizar e consciencializar a comunidade escolar sobre o *bullying*, quatro diretores de turma revelam que não existem estratégias nem atividades com esse intuito, no entanto dois dos diretores de turma referiram o projeto “Escola Segura” e o trabalho desenvolvido pelos agentes da GNR no debate de alguns temas, inclusive o *bullying*, ainda que “não seja para falar sobre *bullying* propriamente, também são assuntos que são abordados” (DT 6ºA), e é “sempre dirigido aos alunos” (DT 6ºB).

As condições físicas e os recursos humanos da escola parecem importar aos professores, quando estas se tornam potenciadoras de violência entre os alunos. Foram identificadas algumas situações como potenciadoras de *bullying*, designadamente, o número elevado de alunos e espaços com pouca vigilância e segurança, tal como afirma um dos Diretores de Turma ... “o elevado número de alunos pode influenciar o aumento da violência porque é um espaço fechado (...) e às vezes pequenos conflitos, geram situações de *bullying*, naturalmente”. Um dos DT refere ainda que há sítios específicos onde é mais propício ocorrerem situações de *bullying*, “nomeadamente os quartos de banho que eu acho que são situações onde deve haver um pouco mais de vigilância e mais segurança”, e outra afirma que a violência não está relacionada com o espaço escolar mas com “o que vem de casa, o que lhe ensinam em casa... porque eu também acho que eles veem muita violência dentro de casa, acho eu, não sei”.

Questionados sobre o que mudariam no ambiente escolar para diminuir o *bullying*, uma diretora de turma considera a escola um espaço bastante apropriado e com todas as condições para os alunos e que não mudaria nada por considerar “em específico (...) o meu ambiente escolar, (...) ótimo” (DT 4ºano), outro diretor afirma que não mudaria nada por que pensa que “é uma escola em que não há violência escolar, por isso não é preciso tomar medidas” (DT 5ºA). No entanto, seis são de opinião que devem ser implementadas mudanças, tais como: “haver mais regras, as regras serem mais claras, acho que devia haver pessoal que, técnicos que nos pudessem ajudar e mais formação” (DT 5ºB), “se calhar precisaríamos de um espaço maior para lazer” (DT 6ºB) e ações de prevenção/ sensibilização sobre *bullying* mais frequentes.

6.2. Discussão dos Resultados

Através do questionário aplicado aos alunos, é possível perceber que 63% (n=91) dos inquiridos se envolveu em situações de violência, independentemente de ser vítima, agressor ou testemunha.

Nesta população, apenas 18% (n=26) dos estudantes de ambos os ciclos de escolaridade, afirmam não gostar da escola e 18 são alunos do género masculino. Os dados revelam que os estudantes apontam as seguintes razões para não gostar da escola: 1 aluno refere que a ausência de gosto pela escola está ligada ao facto de “não gostar de estudar”, outro diz “estou cá sempre”, não gosto dos professores” e outro aluno afirma que não gosta da escola por ser “aborrecida”. Contudo há alunos que afirmam que o não gostar da escola se encontra ligado ao facto de se sentirem desprotegidos e por serem os mais novos, os alvos mais frágeis. E por isso também são os que mais são vítimas de violência, verbal ou física. As agressões verbais, a troça e, muitas vezes o bater são apontados pelos alunos como exemplos de agressão que ocorrem na sua escola.

As vítimas de *bullying* são, por norma, crianças e jovens mais isoladas socialmente, com poucos amigos, mais passivas e com baixos níveis de autoestima, tímidas, etc (Cantini, 2004 ; Bandeira & Hutz, 2012; Seixas 2005, Matos & Gonçalves, 2009).

Nas entrevistas realizadas aos professores, também eles identificaram as vítimas como crianças com níveis reduzidos de baixa autoestimas, mais “acanhados” mais tímidos e com maior dificuldade em se defenderem. E caracterizam os agressores como crianças revoltadas oriundas muitas vezes de famílias disfuncionais.

Os resultados obtidos no presente estudo mostram que no primeiro ciclo, são as raparigas, com uma percentagem de 48% (n=15), que mais são vítimas de violência escolar e no segundo ciclo, são os rapazes, com 31% (n=35). Estes dados não são consonantes com alguns dos estudos realizados, tais como o de Bandeira e Hutz (2012, Craig & Harel, 2004, citados por Melim, 2011) que revelam haver um nível similar de vitimização entre o género masculino e o feminino, embora este estudo tenha sido realizado no Brasil. Um estudo realizado por Liang e Cols (2007) revela que os rapazes são mais vitimizados, à semelhança dos dados encontrados neste estudo, no 2º ciclo do ensino básico.

Quanto ao tipo de agressão, pode afirmar-se que no primeiro ciclo são os rapazes que mais sofrem de *bullying* verbal/psicológico e físico (os rapazes assinalaram 46 vezes que passaram por situações de violência psicológica e/ou verbal e 20 vezes a opção, violência física). O mesmo se reflete no estudo de Marcolino et al (2018) em que se destaca uma maior vitimização nos rapazes, em todos os tipos de *bullying*, ainda que o verbal seja mais acentuado quando comparado com o *bullying* físico.

Os dados obtidos revelam que no primeiro ciclo do ensino básico, são as raparigas que mais são vítimas de *bullying* psicológico e verbal do que físico (as opções que indicam violência verbal foram escolhidas 35 vezes pelas raparigas e as opções que indicam violência física foram escolhidas 13 vezes).

No segundo ciclo, as raparigas são as principais vítimas de violência psicológica e verbal (as opções que indicam violência verbal e/ou psicológica foram selecionadas 145 vezes pelas raparigas) e os rapazes maioritariamente vítimas de violência física (as opções que indicam violência física foram escolhidas 47 vezes pelos rapazes).

Estes resultados vêm ao encontro de estudos já realizados tais como o estudo de Bandeira e Hutz (2012) em que as meninas sofrem mais de *bullying* verbal e psicológico, como “contar mentiras e dizer fofocas”). No que se refere ao tipo de *bullying* utilizado, os resultados mostram que, tanto as raparigas como os rapazes, são sobretudo vítimas de *bullying* verbal, como corroboram os estudos de Bandeira

e Hutz (2012) que afirmam que foi este o tipo de *bullying* mais utilizado pelos agressores de ambos os sexos.

Relativamente ao local onde ocorre o *bullying* em contexto escolar, 77% (n=24) dos alunos do primeiro ciclo e 46% (n=53) dos alunos do segundo ciclo indicam o intervalo/recreio como o momento e o espaço onde ocorrem mais situações de *bullying*. Como é sabido é no recreio que os intervalos são passados. Este resultado é semelhante ao encontrado por Francisco e Libório (2009) que revelam que o recreio é identificado como o lugar ideal para os agressores agredirem as vítimas, porque em geral, é um local deserto e com pouca supervisão (WRIGHT, 2009, citado por Barbosa, 2010). No entanto, 3 alunos (10%) do 1º ciclo e 22 alunos (19%) do 2º ciclo da nossa amostra indicam as “escadas” e 2 alunos (6%) do 1º ciclo e 14 (12%) do 2º ciclo identificam os “corredores” como locais onde também ocorrem situações de *bullying*. Para Gomes (2017, p.22) o recreio “é um espaço com menor supervisão e controlo dos adultos o que permite aos provocadores/agressores agir e ter a sensação de impunidade”.

Nos estudos de Rech et al. (2013) os alunos também identificaram o recreio e o pátio da escola como principal local para a ocorrência de *bullying* e são de opinião que mesmo que haja a presença de um adulto nesses espaços, os alunos continuam a agredir e a ser agredidos, porque não confiam no adulto para prevenir ou reduzir as situações de *bullying*.

Um dos professores entrevistados, faz referência à necessidade de haver uma maior vigilância “aos quartos de banho” da escola, porque considera um espaço com características propícias a situações de violência entre os pares, por ser um sítio pouco vigiado por adultos.

Quanto ao tempo que dura a agressão, os alunos do primeiro ciclo responderam que “foi uma situação única/ pontual” (42%) (n=13). Também no segundo ciclo, 20% dos alunos escolheram a mesma opção.

No entanto, 16% (n=5) dos alunos do 1º ciclo referem ter sido agredidos durante “um mês” e outros 16% (n=5) assinalaram que “ainda se mantém”. No 2º ciclo, 14% (n=16) dos alunos referiram “um mês” e 12% (n=14) “um ano”. Pode considerar-se que 42% (n=13) dos alunos do 1º ciclo e 37% (n=42) dos alunos do 2º ciclo passaram por situações de *bullying*. Tal como afirma a literatura o fenómeno de *bullying* pode ser definido como um comportamento agressivo, praticado por crianças e adolescentes, geralmente nas escolas ou nas suas proximidades, realizado com a intenção de causar dor ou desconforto, repetido ao longo do tempo e com nítido desequilíbrio de poder entre o agressor e a vítima (Carneiro e Figueiredo, 2012).

Há vários autores que falam sobre a prática da violência entre pares e defendem que a maior parte das agressões ocorrem quando as vítimas se encontram sozinhas. No entanto, os dados do questionário mostram que as vítimas “Não” se

encontravam sozinhas quando foram agredidas no 1º ciclo, 55% (n=17) dos alunos e no 2º ciclo, 42% (n=48) dos alunos referiram não estar sozinhos quando foram agredidos.

As consequências do *bullying* podem trazer alterações ao comportamento das crianças e jovens, pelo que avaliar como elas se sentem ou sentiram após uma agressão é essencial para compreender o fenómeno e para intervir.

As consequências mais apontadas são a tristeza (61% (n=19) dos alunos no 1º ciclo e 47% (n=54) dos alunos no 2º ciclo) vindo ao encontro de resultados encontrados por outros estudos (Matos & Gonçalves, 2009; Matos et al., 2009; Melim, 2011)

Após serem agredidos, no 1º ciclo, 77% (n=24) dos alunos assinalaram que contaram a alguém o que aconteceu. No 2º ciclo, um número significativo dos alunos, 50% (n=57) dos que dizem ter sido agredidos, também afirmaram que contaram o sucedido a alguém da sua confiança.

Barrio et al. (2001, citado por Seixas, 2005, p.10), num trabalho sobre reações face ao *bullying*, verificaram que as vítimas referem procurar ajuda mais “frequentemente nos amigos, menos frequentemente na família e raramente nos professores”. Na amostra estudada, o 1º ciclo referem procurar preferencialmente ajuda à família (no caso em específico a “mãe”, é o membro que as crianças mais confiam para contar o que lhes aconteceu) e no 2º ciclo, os alunos referem procurar um “amigo” para partilharem o que aconteceu.

Em relação ao agressor, Lopes (2005) diz que os agressores podem ser agressivos, provocativos, com baixa autoestima e são provavelmente possuidores de alterações psicológicas.

No que respeita aos alunos do 1º ciclo do Ensino Básico que constituem a amostra, 32% (n=10) assumem-se como agressores. Quanto aos alunos do 2º ciclo do Ensino Básico, 26% (n=30) também se identificam como tal.

Quanto à variável sexo, são os alunos do sexo masculino (26 alunos contra 14 alunas de ambos os ciclos) quem mais se percebe como perpetradores de violência contra os seus pares. Estes resultados vão de encontro aos revelados nos estudos de Ferraz e Pereira (2012), Berger (2007) e Lopes (2005). Também nos estudos de Bandeira e Hutz (2012) foram encontradas diferenças entre sexos mostrando que os rapazes se identificam mais como agressores comparativamente às raparigas.

Relativamente às agressões mais utilizadas pelos alunos do 1º ciclo do ensino básico, os dados evidenciam que o sexo feminino utiliza o *bullying* verbal e psicológico (13%), ao contrário do sexo masculino que tem atitudes agressivas caracterizadas por contacto físico como “bati” e “empurrei” (26%). Bandeira e Hutz (2012) nos seus estudos também demonstraram que os meninos utilizam mais frequentemente agressões que envolvem o contacto físico, enquanto as meninas

utilizaram mais a agressão verbal. Rech et al. (2013) também afirma que a violência física e verbal são as mais referidas pelos estudos, sendo que as físicas são mais praticadas pelos meninos e as verbais pelas meninas.

No segundo ciclo do ensino básico, são os rapazes os principais agressores tanto na forma de violência física, como na verbal e/ou psicológica. De acordo com Marcolino et al., (2018), apoiando-se em estudos internacionais, há um maior envolvimento de alunos do sexo masculino como vítimas e agressores, destacando que os rapazes são mais frequentemente vítimas de todos os tipos de *bullying*, mas com maior probabilidade de serem vítimas de agressões físicas.

Dos alunos dos dois ciclos de escolaridade que revelam ter sido agressores, 26% (n=8) do 1º ciclo afirmam que estavam sozinhos e 6% (n=2) afirmam que não. E 18% (n=9) do 2º ciclo afirmam que não estavam sozinhos e 11% (n=13) afirmam que sim. A literatura diz que os agressores normalmente evitam agredir quando estão sozinhos e optam por agredir quando estão acompanhados por se sentirem mais seguros na presença de outros colegas. Nos estudos de Bandeira e Hutz (2012) a maioria dos agressores também relatou ter agredido na companhia de um colega, ou colaborando com outros a exercer o *bullying*.

No entanto, questionados sobre se a pessoa que agrediram se encontrava sozinha naquele momento, em ambos os ciclos, os alunos envolvidos na agressão referem que as vítimas não estavam sozinhas (1º ciclo, 17% (n=5) dos alunos dizem que não, no 2º ciclo, 23% (n=26) respondem que não).

Quando questionados sobre como se sentiram após agredir um colega, os alunos da nossa amostra afirmam que se sentiram tristes e com raiva. No 1º ciclo, 61% (n=19) dos alunos referiram sentir-se tristes e 48% (n=15) zangados após agredirem um par. No segundo ciclo, 47% (n=54) responderam ter ficado tristes e 36% (n=41) zangados. Os dados da amostra opõem-se aos estudos de Lopes (2005) que defende que os agressores veem a sua agressividade como qualidade e têm opiniões positivas sobre si mesmos -“Sentem prazer e satisfação em dominar, controlar e causar dano aos outros” (Lopes, 2005, p.4).

As testemunhas/ observadores das situações de *bullying*, também devem ser apoiadas, uma vez que a exposição a situações de violência, também pode trazer consequências negativas para o seu bem-estar e desenvolvimento. Ao assistir a uma cena de violência, as testemunhas podem assumir vários papéis: intervir e prejudicar a vítima (uma espécie de assistentes do agressor, instigando a agressão); intervir e ajudar a vítima ou podem não fazer nada, mantendo-se afastados, sem tomar partido de qualquer um dos lados, mas não defendem a vítima, muitas vezes por medo de serem as próximas vítimas

Bandeira e Hutz (2012), nas suas investigações, revelam que a maioria das testemunhas não fez nada ao presenciar um colega a ser vítima de violência, não apoiou nem auxiliou a vítima, muitas vezes por medo de retaliação por parte do

agressor. Os resultados do presente estudo, revelam que 52% (n=16) dos alunos do 1º ciclo afirma nunca ter visto nenhum colega a ser vítima de violência, mas uma percentagem menor (26%) (n=8) responde que tentou impedir o agressor de praticar o ato violento. O mesmo acontece no 2º ciclo, 54% (n=62) dos alunos referem nunca ter visto um colega a ser vítima de violência, mas os que dizem ter assistido tentaram impedir o agressor (39%) (n=14).

Questionados sobre se se sentem seguros na escola, no primeiro ciclo, apenas uma rapariga (3%) refere não se sentir segura, mas, no 2º ciclo, 25% (n=28) dos alunos referem não se sentir seguros na escola que frequentam.

Por contrariedade ao que os alunos demonstram nas respostas sobre a segurança na escola, um dos professores inquiridos declara que a escola em que leciona é uma escola sem violência e por isso considera que não é necessária a implementação de novas estratégias ou alterações à prática habitual da escola.

No presente e consoante as normas estabelecidas ao longo do tempo, todas as escolas deveriam possuir características para que todos os alunos se sentissem confiantes, respeitados e protegidos dentro do espaço escolar. Apesar deste estudo apresentar uma percentagem reduzida de alunos que não se sentem seguros na escola, é importante procurar conhecer os motivos que levam estes alunos a sentirem-se desprotegidos dentro de um espaço que deveria por norma levar ao sentimento contrário, o de segurança e proteção.

Segundo Megotto & Machado (2018), a escola e os agentes da comunidade escolar devem conhecer o *bullying* e as suas características. Para estes autores, o conhecimento sobre o fenómeno, é uma ferramenta importante para a redução da violência nas escolas.

Os professores entrevistados para este estudo apresentam a mesma perspetiva. Todos consideram importante o papel da escola e dos professores na deteção e prevenção do *Bullying*. Assim e respondendo a uma das questões de investigação traçada inicialmente, verifica-se que o *Bullying* é um fator de preocupação para os professores.

Silva e Rosa (2013 citadas por Menegotto e Machado, 2018) dizem que os professores, possuem um entendimento pouco abrangente sobre o conceito de *Bullying*, sendo por eles caracterizado como atos de agressão e não como um conjunto de situações que se prolongam no tempo. A desvalorização face ao *Bullying* por parte de alguns professores, também se sentiu durante as entrevistas, quando um dos entrevistados, proferiu uma frase referindo-se ao *Bullying* como “brincadeiras que fazem crescer os miúdos”.

Os professores entrevistados, tal como nos estudos de Menegotto e Machado (2018), identificam o *Bullying* como presente nas escolas, no entanto, 3

consideram que na escola em que leccionam a prevalência de *Bullying* é baixa, dois dizem que é alta e outro diz que é cada vez mais alta.

Questionados sobre estarem preparados para intervir perante uma situação de *Bullying*, 5 professores afirmam sentir-se preparados e 3 dizem que não, no entanto, 5 deles referem nunca ter tido oportunidade de participar em ações de formação, sessões ou seminários sobre o *bullying*, pelo que a intervenção não tem base em conhecimento.

Na escola em que leccionam, verifica-se também que não há estratégias nem ações de sensibilização para prevenir situações de violência e/ou *Bullying*. No entanto, apresentam algumas recomendações de prevenção e combate ao *bullying* na escola, como inserir as famílias nas ações dinamizadas, referindo que muito do que os alunos são na escola, é reflexo do que se passa em casa. Também Bouth e Souza (2011, citados por Menegotto e Machado, 2018) falam sobre a importância de envolver todos os que fazem parte da escola, para trabalhar no sentido de inverter as situações de violência neste contexto.

Após fazer uma análise generalizada dos dados, podem verificar-se algumas diferenças quando comparamos, o 1º e o 2º ciclo do ensino básico que constituem a amostra. Quanto ao tipo de *bullying* que as vítimas sofrem e que os agressores praticam, quanto ao perfil da vítima e do agressor, quanto à forma como reagem perante uma situação de *bullying* e quanto à maneira como o praticam, sozinhos ou acompanhados.

Apesar de mais de metade dos alunos assumirem que se sentem seguros na escola, 20% (n=29) dos alunos responderam não se sentir seguros, o que é passível de várias leituras.

A forma como cada aluno encara a ida para a escola, pode comprometer a sua integração, desenvolvimento e aprendizagem durante o período normal e espetável para o fazer. Enquanto situações de *bullying* e violência continuarem a acontecer na escola, temos de nos adaptar e trabalhar mais na prevenção e combate a este tipo de problemas.

As ações de prevenção e de combate ao *bullying* devem incluir não só alunos, como toda a comunidade educativa.

O *bullying* é um fenómeno muito complexo e trabalhoso, pelo que é necessário investir na formação dos profissionais inseridos no dia-a-dia de uma escola: professores, funcionários/ assistentes operacionais, encarregados de educação, psicólogos e assistentes sociais.

O *bullying* pode trazer consequências gravíssimas para o desenvolvimento e vida futura das crianças e jovens, pelo que é urgente que medidas e formas de combater e prevenir o *bullying* sejam ativadas.

Capítulo VII - Projeto de Intervenção

7.1. Breve Introdução

A presente proposta de Projeto de Intervenção surge no seguimento das conclusões dos dados recolhidos no estudo que se apresenta e na literatura analisada.

Consoante os dados recolhidos pelos questionários e as entrevistas, nota-se que o *bullying* cada vez mais aparece nas camadas escolares mais jovens, como é o caso, do 1º e 2º ciclo do ensino básico, alunos com idades compreendidas entre os 8 e os 13 anos.

Apesar de haver poucos estudos sobre o *bullying* nestas faixas etárias, o *bullying* assume alguma expressão nas escolas estudadas. O tipo e a forma de *bullying* podem ser diferentes quando comparados com faixas etárias mais velhas, mas a intenção de fazer mal ao outro mantém-se, independentemente da idade em que se encontram.

Pode afirmar-se também que os professores declaram não ter formação nem conhecimento de modo a conseguir distinguir brincadeiras de situações de *bullying* que podem ocorrer entre as crianças.

Os comportamentos violentos, agressivos e de *bullying* ameaçam toda a comunidade escolar, não só aos alunos. Também afetam professores, funcionários, a escola, o ambiente que se vive dentro desta e a aprendizagem normal e saudável dos próprios alunos.

7.2. Análise Swot

Usando a análise *Swot* podemos relacionar de forma mais sistematizada, numa tabela quais as forças, as fraquezas, as oportunidades e as ameaças a que a instituição está sujeita. O nome *Swot* é um acrónimo que tem origem em quatro palavras do idioma inglês: *Strenghts, Weaknesses, Opportunities e Treaths* (Serra, Ferreira, Torres & Torres, 2012).

Tabela 9 - Análise Swot

Forças	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> • Bons Resultados Escolares; • Encarregados de educação participativos no percurso escolar; • Infraestruturas apropriadas para atividades; • Diversidade da oferta formativa 	<ul style="list-style-type: none"> • Número reduzido de funcionários; • Falta de formação dos professores; • Desconhecimento de projetos preventivos do <i>bullying</i>; • Número elevado de alunos por turma; • Falta de estratégias de prevenção do <i>Bullying</i>;

	<ul style="list-style-type: none"> • Violência/ <i>Bullying</i>.
Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> • Vasta rede de instituições sociais, desportivas e culturais com potencial de colaboração; • Agrupamento de escolas e presidência acessíveis; 	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade na identificação de situações de <i>bullying</i>.

7.3. Objetivos do Projeto

Mediante a exposição aprofundada da problemática pretendem-se identificar objetivos para alcançar uma mudança concisa na realidade apresentada. A explicitação das situações-problema pressupõe a definição de estratégias que invertam o paradigma atual, sendo por isso necessário introduzir uma ação interventiva de acordo com os objetivos apresentados. O presente projeto apresenta uma vertente de intervenção preventiva, tendo em conta os dados, priorizando os seguintes objetivos:

Tabela 10 - Objetivos do Projeto de Intervenção

Objetivos Gerais	Objetivos Específicos
Prevenir situações de <i>bullying</i> no 1º e 2º ciclo do Ensino Básico	<ul style="list-style-type: none"> • Capacitar professores para a identificação de situações de <i>Bullying</i>, no 1º e 2º ciclo do Ensino Básico;
	<ul style="list-style-type: none"> • Capacitar assistentes operacionais para a intervenção de situações de violência entre os alunos do 1º e 2º ciclo do Ensino Básico;
	<ul style="list-style-type: none"> • Dar ferramentas aos Encarregados de Educação para identificação de situações de violência ou <i>bullying</i>;
	<ul style="list-style-type: none"> • Informar os alunos sobre o fenómeno <i>bullying</i>;

7.4. Medidas de Intervenção

Segundo Oliveira (2014, citado por Almeida 2018, p.33), “para que o *bullying* escolar não se torne um problema para os atores da escola, seria necessário, entre outros elementos, que estes atores estivessem preparados para atuarem de forma a preveni-lo”.

Sendo o *bullying* um fenómeno complexo, apresentam-se algumas orientações para a prevenção e intervenção direcionadas a vários agentes integrantes da comunidade escolar.

a) Formação para os professores

Os dados recolhidos junto dos professores sugerem que estes não têm formação no âmbito da problemática do *bullying*. Os professores afirmam não ter aptidão para identificar situações/comportamentos de Bullying, assim como as suas consequências. A literatura científica evidencia a importância que os adultos no ambiente escolar têm, sendo agentes essenciais para a prevenção e gestão deste tipo de violência.

Assim sendo, propõe-se formação e treino para os professores para prevenir e gerir adequadamente as situações de *bullying*. O conhecimento de problemas como o *bullying* pode ser eficaz na sua prevenção e combate, uma vez que os professores estarão mais capacitados para lidar com as dificuldades encontradas pelos alunos. Tendo uma melhor capacidade de resolução destes problemas, o professor conseguirá chegar mais facilmente ao aluno e identificar as suas necessidades, os seus conflitos, as suas inseguranças, os seus medos e quebrar o silêncio em que estes alunos se refugiam. Permite também construir e implementar um conjunto de regras de convivência e comunicação claras, seguras, democráticas e positivas, favorecedoras de um clima escolar calmo e de segurança (Almeida & Fernandez, 2014, Carvalhosa, 2010).

A realização de ações de sensibilização, seminários, *workshops*, formação contínua, parece ser uma boa prática para colmatar as lacunas do currículo formativos dos professores, permitindo que estes adquiram competências para a prevenção do Bullying e fazendo com que os seus alunos aprendam e se desenvolvam num ambiente considerado seguro (Almeida & Fernandez, 2014, Carvalhosa, 2010).

Nestas formações/ ações é importante incluir alguns temas associados ao bullying, melhor, que o podem prevenir tais como, competências pessoais e sociais, inteligência emocional, resolução e mediação de conflitos, direitos das crianças (Carvalhosa, 2010). Mais do que ensinar como se comportar perante uma possível situação de *bullying*, o professor deve também estar preparado para agir caso se confirme que se trata efetivamente de uma situação de *bullying*.

É essencial que os professores promovam o desenvolvimento de competências pessoais e sociais positivas e competências de comunicação de modo a que as próprias crianças possam distinguir o que são brincadeiras apropriadas e o que são comportamentos que violam os seus direitos fundamentais.

Dirigido aos professores, apontam-se ações de formação, seminários, *workshops* e técnicas como o *role-talking* e *role-playing*. Todas as medidas de formação identificadas permitem ao professor atingir conhecimentos que pretende na participação destas atividades ou sessões.

b) Formação para os Assistentes Operacionais

Os auxiliares/ assistentes operacionais, a seguir aos professores, são os profissionais com quem os alunos passam a maior parte do seu tempo na escola. Os funcionários estão nos intervalos, no recreio, na rua e dentro dos pavilhões da escola nos tempos livres dos alunos.

Os alunos durante o questionário aplicado procuraram refletir sobre medidas para a diminuição da violência da escola e um dos problemas que fazem referência é relativamente ao número reduzido de funcionários que há nas escolas.

Neste estudo, levanta-se a hipótese sobre o número reduzido de assistentes operacionais nas escolas, estar ligado ao aumento do *bullying* e da violência nestes espaços educativos.

Também estes profissionais devem estar atentos a situações que ocorrem nos tempos livres dos alunos, justificado pelo número de horas que levam a acompanhar crianças e jovens.

Estes profissionais, tal como os professores e diretores de turma, também precisam de ser informados e capacitados relativamente a este tema. Sendo profissionais que acompanham os alunos nos intervalos, sítios onde os alunos referem sofrer mais de violência, têm de estar preparados para intervir numa situação atípica, seja ela de que natureza for. A desvalorização das situações de violência entre crianças é muitas vezes interpretada como normal da idade e do processo de socialização. Mas, esta desvalorização pode fazer com que crianças maltratadas o continuem a ser, o que é completamente prejudicial para o seu desenvolvimento saudável e próprio da sua idade.

Justifica-se por outro lado também que os assistentes operacionais recebam informação e formação sobre o *bullying*.

Para além dos funcionários das escolas, é importante incluir funcionários de entidades que prestem o serviço de ATL, por ser um local que as crianças apontaram como sendo propício a violência.

c) Formação para Encarregados de Educação:

Face ao que alguns diretores de turma dizem em relação às estratégias a alterar na escola, fazendo referência ao papel dos pais, também eles devem ser integrados nas medidas a desenvolver na prevenção e combate ao *bullying*. Manter uma ligação saudável entre escola e família, é um passo bastante importante no combate a problemas e obstáculos que surjam na escola ou em casa. Uma estreita relação entre estes dois membros da comunidade educativa, pode promover melhores relações sociais entre todos.

Os pais/ cuidadores são aqueles que têm o primeiro contacto com os seus educandos, são aqueles que melhor conseguem identificar uma tristeza ou zanga nos mesmos. Mas apesar disto, muitos não conseguem identificar quando se trata

de uma coisa séria. Os sintomas e consequências que uma vítima de *bullying* tem e nos passa, são confundidos muitas vezes pelos pais com doença, má disposição ou não querer ir à escola por preguiça, mas uma criança vítima de *bullying* pode sofrer em silêncio por não conseguir falar sobre o porquê de não querer voltar à escola. Mais do que saber o que é o *bullying*, os pais devem ser informados sobre as consequências que o *bullying* pode trazer para a vida futura dos seus educandos e ter em conta que é essencial uma prevenção precoce do *bullying*. Muitas das vezes desvalorizam-se os comportamentos dos filhos, sejam eles maltratados ou maltratantes, porque acham que os filhos têm a capacidade de se defender (caraterística que atribuem à idade). No entanto o sofrimento que as crianças podem vivenciar na escola e a desvalorização que os pais dão em casa, pode piorar a maneira como a criança se relaciona com os outros, com a família ou com ela própria. Faz sentido que os pais sejam incluídos nas dificuldades das escolas, porque uma boa preparação e conhecimento sobre diversos temas relacionados com as crianças e jovens, pode fazer com que as nossas crianças sejam mais resilientes e possuam maior capacidade de resolver problemas e capacidade de distinguir o que é ou não é normal na socialização com outras crianças e jovens.

d) Informação para crianças e jovens

As crianças e jovens são os principais alvos nestas medidas de prevenção e combate ao *bullying*, são elas que maltratam e são maltratadas, e por isso não pode ser esquecida a sua intervenção nas medidas que se pretendem estabelecer. Assim, também elas devem ser informadas sobre conteúdos relacionados com o fenómeno *bullying*. Preparar os nossos filhos, os nossos alunos ou os nossos educandos para temas como este, pode facilitar-lhes o seu percurso na escola e no futuro na sua vida. Desvalorizar, não deve ser uma palavra utilizada por quem cria ou estima uma criança ou jovem, porque pode trazer-lhe consequências para o resto do seu percurso de vida, enquanto ser humano.

Como consequências, não se entendam apenas as vítimas, os *bullies* devem ser identificados e devem também receber orientação e informação sobre o sofrimento que provocam, as consequências que imitem e devem ser responsabilizados pelas situações.

7.5. Atividades Propostas

As atividades pretendem, não apenas envolver os alunos e torná-los agentes ativos no processo de prevenção, como também envolver os professores, funcionários e encarregados de educação, que estão diariamente em contacto com estas crianças e jovens.

No que respeita ao presente projeto, consiste numa intervenção através de diferentes tipos de atividades que assumem objetivos comuns ou não, com o objetivo de prevenir o *bullying* no primeiro e segundo ciclo do ensino básico tendo em conta o diagnóstico anteriormente realizado nas turmas do primeiro e segundo ciclo estudadas.

As atividades apresentam-se identificadas e caracterizadas nas tabelas seguintes.

7.5.1. Atividade 1 - Ação de Sensibilização sobre o *Bullying*

Tabela 11 - Atividade 1

Ação de sensibilização sobre o Bullying		
Descrição da atividade	Esta ação de sensibilização, pretende abordar conhecimentos na área do <i>bullying</i> e sua prevenção no 1º e 2º ciclos do ensino básico.	
Justificação da atividade	Consoante o desconhecimento dos agentes da comunidade educativa face ao <i>bullying</i> , a formação é essencial para a intervenção e conhecimento deste fenómeno.	
Objetivos da atividade	-Sensibilizar os participantes para o tema Bullying; -Promover conhecimentos sobre o fenómeno.	
Destinatários	-Professores, Assistentes operacionais e Encarregados de educação do 1º e 2º ciclo do ensino básico.	
Recursos	Materiais	-Sala, mesas, cadeiras, computador, retroprojetor, blocos de notas e caneta/ lápis.
	Humanos	Técnica do CLDS; Participantes.
	Financeiros	Não dispõe.
Período de Tempo	1h30m.	
Observações	Para a ação de sensibilização, pretende-se realizar uma parceria com o CLDS 4G responsável pelo concelho onde as escolas estão inseridas. Sendo um projeto de cariz social e possuidor com várias atividades relacionadas com o <i>bullying</i> , seria uma mais-valia tanto para o projeto, como para os participantes. Acresce o aspeto positivo de que o projeto é de cariz solidário, pelo que a escola não tem de pagar a sessão.	

7.5.2. Atividade 2 - Sessão de *Role - Talking*

Tabela 12 - Atividade 2

Sessão de <i>Role - Talking</i>		
Descrição da atividade	O <i>role-talking</i> consiste numa sessão de partilha de ideias de vários sujeitos, no caso em específico, de professores.	
Justificação da atividade	A teoria do <i>role - talking</i> defende que as opiniões iguais ou diferentes de vários intervenientes pode desenvolver positivamente um caminho a seguir.	
Objetivos da atividade	-Permitir a reflexão por parte dos participantes sobre situações que já aconteceram enquanto profissionais; -Permitir a partilha de ideias, sobre como intervir perante uma situação de <i>bullying</i> .	
Destinatários	-Professores do 1º e 2º ciclo do ensino básico;	
Recursos	Materiais	-Sala, mesas, cadeiras, computador, retroprojektor, blocos de notas e caneta/ lápis;
	Humanos	Psicóloga da escola; Participantes.
	Financeiros	Não dispõe.
Período de Tempo	1 hora.	
Observações	A sessão de <i>role - talking</i> pode ser dinamizada pela psicóloga da escola, o que não apresenta qualquer custo para o Agrupamento.	

7.5.3. Atividade 3 - Sessão de Role - Playing

Tabela 13 - Atividade 3

2 Sessões de Role - Playing	
Descrição da atividade	
O <i>role - playing</i> , permite que os intervenientes assumam diferentes papéis e com as narrativas desenvolvidas consigam treinar a maneira como se podem envolver em determinada situação.	
Justificação da atividade	
Esta atividade permite que os participantes reflitam e influenciem os outros a refletir sobre a melhor maneira de intervir em determinada situação.	
Objetivos da atividade	
<ul style="list-style-type: none"> -Permitir a reflexão sobre as formas de intervenção em situações de <i>bullying</i>; -Desafiar os participantes a resolverem situações de <i>bullying</i> hipotéticas. 	
Destinatários	
<ul style="list-style-type: none"> -Professores do 1º e 2º ciclo do ensino básico; -Encarregados de Educação; Assistentes operacionais. 	
Recursos	Materiais
	Humanos
	Financeiros
<ul style="list-style-type: none"> -Sala, mesas, cadeiras, computador, retroprojetor, blocos de notas e caneta/ lápis; Psicóloga da escola; Participantes. Não dispõe. 	
Período de Tempo	
2 Sessões para públicos diferentes (1 hora cada sessão)	
Observações	
<p>As sessões de <i>role - playing</i> podem ser dinamizadas pela psicóloga da escola.</p> <p>Pretende-se que sejam 2 sessões de <i>role-playing</i>: a primeira direcionada a professores e a segunda dirigida a encarregados de educação e assistentes operacionais. Os professores têm uma relação mais formal dentro da sala de aula com os alunos, enquanto que os Assistentes operacionais e os Encarregados de Educação têm uma ligação mais próxima e informal, pelo que as formas de intervir são diferentes e devem ser discutidas em separado.</p>	

7.5.4. Atividade 4 - Seminário “Prevenção do *Bullying*”

Tabela 14 - Atividade 4

Seminário “Prevenção do <i>Bullying</i>”		
Descrição da atividade	A realização de um seminário consiste no planeamento de várias atividades e integrar vários oradores para atingir um fim. Pretende-se com esta atividade que todos os participantes conheçam melhor o <i>bullying</i> , ouvindo falar dele, por vários técnicos e investigadores da área.	
Justificação da atividade	Para integrar vários tipos de público-alvo numa sessão, pretende realizar-se um seminário com vários oradores que permitam a exposição de conteúdo sobre o <i>bullying</i> nas escolas. O seminário permite a intervenção de vários oradores que apresentam opiniões diferentes ou não, que permite conhecimentos sobre o fenómeno <i>bullying</i> e vários temas ou tópicos a si associados.	
Objetivos da atividade	<ul style="list-style-type: none"> -Capacitar os participantes a conhecer o fenómeno <i>bullying</i>; -Dar a conhecer o perfil das vítimas e dos agressores do <i>bullying</i>; -Transmitir as consequências do <i>bullying</i>; -Ensinar a reconhecer os sintomas apresentados por uma criança ou jovem que esteja a ser vítima de <i>bullying</i>; -Apresentar as entidades com competência em matéria de infância e juventude; 	
Destinatários	Professores, alunos do 1º e 2º ciclo do Ensino Básico, assistentes operacionais e encarregados de educação.	
Recursos	Materiais	Auditório da Biblioteca Municipal, cadeiras, mesas, computador, retroprojektor, microfones, colunas, bloco de notas e caneta/ lápis.
	Humanos	Participantes; CLDS 4G do concelho onde as escolas estão inseridas, Psicóloga da escola, Diretor da escola e representante do Programa de Prevenção de <i>Bullying</i> –Plano B (voluntário).
	Financeiros	Não dispõe.
Período de Tempo		3 horas

7.5.5. Atividade 5 - *Workshop* “A brincar e a rir, o *Bullying* vamos prevenir” para crianças e jovens

Tabela 15 - Atividade 5

Workshop “A brincar e a rir, o <i>Bullying</i> vamos prevenir” para crianças e jovens		
Descrição da atividade	O <i>workshop</i> dinamizado por uma educadora social pretende abordar o fenómeno <i>bullying</i> e temas associados.	
Justificação da atividade	Este <i>workshop</i> tem como formadora, a autora do único jogo direcionado para a prevenção do <i>bullying</i> em Portugal, pelo que, a possibilidade em contactar com formas diferentes de abordagem em relação ao <i>bullying</i> será fator motivador de mais interesse e informação para as crianças e jovens. Para além da informação a formadora, aplicará o jogo lúdico direcionado para o tema <i>bullying</i> , durante o <i>workshop</i> .	
Objetivos da atividade	-Integrar as crianças e jovens na prevenção do <i>bullying</i> ; -Proporcionar novas técnicas de aprendizagem aos alunos; -Capacitar os alunos sobre o <i>bullying</i> .	
Destinatários	4 turmas - Alunos do 1º e 2º ciclo.	
Recursos	Materiais	Sala, mesas, cadeiras, computador, retroprojektor, jogo sobre <i>bullying</i> (autoria da formadora), bloco de notas, caneta/lápis.
	Humanos	Participantes; Formadora.
	Financeiros	Compra de jogo da autoria da formadora – requisito obrigatório do orçamento com o custo de 39,98€; Custos de transporte da formadora (ida e volta) – 25€.
Período de Tempo		Sessão de 1h30m, para cada turma.

7.5.6. Atividade 6 - *Workshop* “A brincar e a rir, o *Bullying* vamos prevenir” para adultos

Tabela 16 - Atividade 6

Workshop “A brincar e a rir, o <i>Bullying</i> vamos prevenir” para adultos		
Descrição da atividade	O <i>workshop</i> é dinamizado por uma educadora social e pretende abordar o fenómeno <i>bullying</i> .	
Justificação da atividade	Este <i>workshop</i> permite aos pais uma vertente mais prática no contacto com o fenómeno. A educadora responsável trará novas técnicas e formas de abordar o fenómeno.	
Objetivos da atividade	-Fomentar conhecimentos sobre o fenómeno; -Consciencializar os professores, encarregados de educação e assistentes operacionais para as consequências do <i>bullying</i> .	
Destinatários	Professores, Assistentes operacionais e Encarregados de Educação.	
Recursos	Materiais	Sala, mesas, cadeiras, computador, retroprojetor, jogo sobre <i>bullying</i> (autoria da formadora), bloco de notas, caneta/lápis.
	Humanos	Participantes; Formadora.
	Financeiros	Valor do <i>Workshop</i> (20/h) = 60€ Custos de transporte da formadora (ida e volta) - 25€.
Período de Tempo		3:00h.

7.5.7. Atividade 7 - Linha Telefónica de Apoio Escolar

Tabela 17 - Atividade 7

Linha Telefónica de Apoio Escolar		
Descrição da atividade	Criação de uma linha telefónica com o intuito de apoiar crianças e jovens em situação de risco ou perigo.	
Justificação da atividade	Há muitas crianças que perante uma situação negativa como violência escolar, <i>bullying</i> , violência doméstica etc... se isolam e não falam com ninguém, por medo ou por vergonha. A linha telefónica permite que qualquer criança ou jovem que frequente a escola possa telefonar e conversar à distância, mesmo sem uma identificação prévia, o que permite maior conforto e à vontade para dialogar.	
Objetivos da atividade	<ul style="list-style-type: none"> -Permitir apoio psicológico aos alunos que não se encontrem bem e que não estejam à vontade para falar presencialmente; -Permitir aos alunos conversar, sem ter de se identificar; -Proporcionais medidas de apoio e proteção na escola. 	
Destinatários	Alunos do 1º e 2º ciclo do Ensino Básico.	
Recursos	Materiais	Telefone/ telemóvel, contrato com uma operadora de telecomunicações.
	Humanos	Psicóloga da Escola; Alunos.
	Financeiros	Contrato de 12 meses com operadora de telecomunicações (tempo mínimo obrigatório por operadora) = 12,49€/mês = 149,88€ anuais.
Período de Tempo	Contínuo (anual).	

7.5.8. Atividade 8 - Visualização de um filme

Tabela 18- Atividade 8

Visualização de um Filme		
Descrição da atividade	<p>A visualização de vídeos/ filmes por parte dos alunos tem por objectivos: informar e dar a conhecer os diferentes tipos de <i>bullying</i>, os fatores potenciadores e as consequências.</p> <p>A mestranda propõe a visualização do filme “<i>Wonder</i>” traduzido para português, que relata a história de uma criança que por ser diferente é ridicularizada pelos colegas.</p> <p>A mural do filme é a superação da criança, que permite que os alunos se consciencializem com aspetos positivos e negativos que a relação com os colegas pode assumir.</p>	
Justificação da atividade	<p>Sendo o cinema uma arte pretende-se que este se aplique de forma a sensibilizar as crianças, ajudá-las a entender o <i>bullying</i> e por sua vez consciencializá-los a diminuir a agressividade para com os seus pares, tal como aplicar comportamentos mais positivos nessas relações.</p>	
Objetivos da atividade	<ul style="list-style-type: none"> -Proporcionar algumas noções de <i>bullying</i>; -Promover a melhoria do comportamento das crianças; -Promover nas crianças o autocontrolo nas relações com os pares; -Incentivar relações positivas entre pares. 	
Destinatários	4 turmas - Alunos do 1º e 2º ciclo do Ensino Básico.	
Recursos	Materiais	Computador, internet e retroprojetor.
	Humanos	Professor, alunos.
	Financeiros	Não se aplica.
Período de Tempo	Sessão de 2h (tempo estimado para a visualização do filme) para cada turma.	

7.5.9. Atividade 9 - Teatro de fantoches

Tabela 19 - Atividade 9

Teatro de fantoches		
Descrição da atividade	<p>Criar um teatro de fantoches. Os fantoches e o cenário podem ser criados pelos próprios alunos dando liberdade para a expressão plástica.</p> <p>Esta atividade consiste em dividir a turma em diferentes grupos e pretende-se que cada grupo crie um teatro diferente sobre o <i>bullying</i>.</p> <p>Diferentes situações, diferentes protagonistas, diferentes sítios onde ocorrem as situações, de maneira a explorar as diversas características e tipos do <i>bullying</i>.</p>	
Justificação da atividade	<p>Pretende-se com esta atividade que os alunos consigam extrair conhecimento sobre o fenómeno, através de uma arte que permite que eles se expressem na primeira pessoa embora de forma indireta.</p> <p>O facto de ser um teatro permite às crianças que estas aprendam a comunicar, a expressar emoções, vencendo inibições a partir da criatividade que o teatro pressupõe.</p>	
Objetivos da atividade	<ul style="list-style-type: none"> -Proporcionar algumas noções de <i>Bullying</i>; -Incentivar relações positivas entre pares; -Proporcionar o aumento da competência social do aluno. -Fomentar o sentido de responsabilidade. 	
Destinatários	4 turmas - Alunos do 1º e 2º ciclo do Ensino Básico.	
Recursos	Materiais	<p>Recorte de tecidos, missangas, lápis, canetas, tintas, guaches, cola, tesouras, caixas de papelão...</p> <p>Alguns dos materiais a utilizar são disponibilizados pela escola e o resto podem ser trazidos pelos professores/ alunos inclusive como forma de reutilização de revistas, frascos, roupas, etc.</p>
	Humanos	Professor, alunos.
	Financeiros	Não se aplica.
Período de Tempo		Sessões de 1h / 3 semanas, para cada turma.

7.5.10. Atividade 10 - T-shirt da Esperança

Tabela 20 - Atividade 10

“T-shirt da Esperança”		
Descrição da atividade	<p>Utilizar situações más e que criam emoções negativas nos alunos e transformá-las em possíveis situações de felicidade, altruísmo e de alegria.</p> <p>O exemplo da t-shirt: Os alunos têm uma t-shirt e vão escrever algo mau sobre determinada situação, coisa ou pessoa. A ideia é que depois sejam capazes de substituir a característica negativa por uma positiva.</p>	
Justificação da atividade	<p>Pretende-se com esta atividade que os alunos sejam capazes de refletir sobre as consequências que uma palavra ou situação negativa podem trazer para o outro. Assim como uma situação positiva, uma ação de solidariedade ou um elogio podem influenciar positivamente a maneira como o outro se sente.</p>	
Objetivos da atividade	<ul style="list-style-type: none"> -Conscienciar os alunos para a violência verbal e psicológica; -Conscienciar os alunos para a solidariedade; -Motivar os alunos a praticar o bem. 	
Destinatários	4 turmas – Alunos do 1º e 2º ciclo do Ensino Básico.	
Recursos	Materiais	T-shirt, tintas, guaches e/ou canetas. A t-shirt é trazida por cada aluno.
	Humanos	Professor, alunos.
	Financeiros	Não se aplica.
Período de Tempo		Sessão de 1h para cada turma.

7.5.11. Atividade 11 - O termómetro das emoções

Tabela 21 - Atividade 11

“O termómetro das emoções”		
Descrição da atividade	A criação do termómetro consiste na realização de um “termómetro” de emoções. O termómetro está dividido em 5 emoções básicas, que correspondem a diferentes cores. (Alegria-amarelo, Afeto-cor-de-rosa, Tristeza-azul, Raiva-castanho e Medo -preto). Com molas os alunos escolherão a cor e respetivamente emoção, da forma que caracterizariam o seu estado de espírito. Com a criação do termómetro e com o seu preenchimento, a professora pode aproveitar para pedir opiniões e saber as coisas que os alunos mais e menos gostam na escola, de modo a acompanhar determinadas situações de forma diferente.	
Justificação da atividade	O termómetro permite à professora refletir sobre as situações menos boas e boas que vão ocorrendo na sua turma/ escola para que possa ter um cuidado e acompanhamento diferente consoante as situações que lhe vão aparecendo.	
Objetivos da atividade	-Trabalhar as emoções; -Avaliar o ano lectivo; -Avaliar o ambiente escolar.	
Destinatários	4 turmas – Alunos do 1º e 2º ciclo do Ensino Básico.	
Recursos	Materiais	Folhas de papel, lápis de cor, fita-cola e molas. Alguns dos materiais a utilizar são disponibilizados pela escola. As molas, cada aluno traz uma mola de casa.
	Humanos	Alunos, professor.
	Financeiros	Não se aplica.
Período de Tempo		Sessão de 1h para cada turma.

7.5.12. Atividade 12 - Dado das Emoções

Tabela 22 - Atividade 12

Dado das emoções	
Descrição da atividade	
<p>Com esta atividade, os alunos em conjunto com a professora e a mestranda poderão construir um dado. A cada face do dado farão corresponder uma emoção/ sentimento. Os alunos poderão atribuir 3 Emoções positivas e 3 emoções negativas.</p> <p>Depois do dado construído, os alunos podem em conjunto jogar ao jogo das emoções, que consiste em lançar o dado um a um e a face/emoção que calhar poderão contar uma história que os fez recordar com a emoção que saiu.</p> <p>Por exemplo: saiu a face com a emoção “felicidade”, então o aluno conta uma história que tenha passado e que lhe recorde a felicidade que viveu.</p>	
Justificação da atividade	
<p>Com esta atividade, para além da cooperação e autocontrolo que se trabalha na construção do dado entre os alunos, permite que os alunos conheçam melhor os seus colegas e que ao contarem histórias consigam refletir em conjunto sobre a importância de partilhar com os outros a maneira como eu me sinto quando passo por determinadas situações.</p>	
Objetivos da atividade	
<ul style="list-style-type: none"> -Promover a cooperação; -Aumentar a competência social do aluno; -Trabalhar as emoções; -Refletir com os alunos sobre o comportamento dos outros. 	
Destinatários	
4 turmas - Alunos do 1º e 2º ciclo do Ensino Básico.	
Recursos	Materiais
	Humanos
	Financeiros
Período de Tempo	

7.5.13. Atividade 13 - Caixa dos segredos

Tabela 23 - Atividade 13

Caixa dos segredos		
Descrição da atividade	<p>Criar uma caixa onde as crianças podem colocar os “seus segredos”.</p> <p>Na caixa, os alunos podem inserir papéis com desenhos, textos, poemas onde possam exprimir as suas emoções positivas ou negativas, pelas quais estejam a passar.</p> <p>A caixa deve ser criada e decorada pelos alunos de maneira a que não se veja para dentro da mesma.</p>	
Justificação da atividade	<p>Esta atividade é mais dirigida aos professores ainda que os alunos sejam os protagonistas.</p> <p>Permite aos professores estarem informados sobre as situações que não conseguem ter acesso e permite-lhes perceber se algum aluno está a passar por uma situação difícil enquanto aluno ou enquanto criança. A leitura destas situações relatadas pelas crianças permite ao professor avaliar o desenvolvimento destes na escola. É uma forma de identificar o <i>bullying</i>.</p>	
Objetivos da atividade	<ul style="list-style-type: none"> -Promover a identificação precoce de situações de violência; -Permitir a avaliação de emoções e sentimentos relatados pelos alunos; 	
Destinatários	Alunos do 1º e 2º ciclo do ensino básico	
Recursos	Materiais	<p>Caixa de papelão, guaches, tintas, canetas, lápis...</p> <p>Alguns dos materiais a utilizar são disponibilizados pela escola.</p> <p>Os outros podem ser trazidos pelos alunos de forma a reutilizar (por ex. uma caixa de papelão).</p>
	Humanos	Professor, alunos.
	Financeiros	Não se aplica.
Período de Tempo	Contínuo (anual)	

7.6. Orçamento global de Atividades

O orçamento constitui uma análise essencial, para a criação de projetos, pois integra as despesas dos recursos necessários para o mesmo, a fim de estimar o valor monetário necessário à sua implementação.

O planeamento financeiro é um fator relevante a ter em conta, pois perspetiva todas as atividades e recursos necessários durante o período temporal do projeto.

Para este Projeto de Intervenção, pretende-se que as atividades sejam implementadas, 1 por mês, ocupando o período lectivo constituído por 10 meses. Sendo o *bullying* um fenómeno tão complexo para trabalhar, parece mais viável levar as atividades a prolongarem-se durante todo o período letivo e fazendo um trabalho contínuo com os alunos que compõem a amostra. Por outro lado, as atividades dirigidas a Professores, Assistentes operacionais e Encarregados de Educação serão intercaladas, porque permitem um trabalho a longo prazo, sem ser muito exaustivo. A ideia é que o maior número de pais, professores e assistentes operacionais participem nestas atividades/sessões, logo convém pensar na disponibilidade dos pais e dos profissionais da escola, uma vez que estas atividades terão de ser realizadas no horário pós-laboral.

O presente projeto dispõe de um custo total de 274,86€ a ser pago pelo orçamento da escola. Tendo em conta que a escola possui o resto dos materiais necessários para a implementação das atividades, o custo é bastante inferior àquele que seria, caso a escola e outras entidades do Concelho não estivessem disponíveis.

Não será assim necessário proceder à compra ou pagamento de serviços extras, para a realização das atividades.

7.7. Cronograma de Atividades

Tabela 24 - Cronograma de Atividades

Meses Atividades	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho
	2020	2020	2020	2020	2021	2021	2021	2021	2021	2021
INÍCIO DO ANO LECTIVO										
Linha Telefónica de Apoio Escolar										
Ação de Sensibilização sobre <i>Bullying</i>										
Atividade “Caixa dos Segredos” – 3º Ano										
Atividade “Caixa dos Segredos” – 4º Ano										
Atividade “Caixa dos Segredos” – 5º Ano										
Atividade “Caixa dos Segredos” – 6º Ano										
Atividade “T-shirt da Esperança” – 3º Ano										
Atividade “T-shirt da Esperança” – 4º Ano										
Atividade “T-shirt da Esperança” -5º Ano										
Atividade “T-shirt da Esperança” – 6º Ano										
Sessão de Role - Talking										
Atividade “Termómetro das emoções” - 3º Ano										
Atividade “Termómetro das emoções” – 4º Ano										
Atividade “Termómetro das emoções” – 5º Ano										
Atividade “Termómetro das emoções” – 6º Ano										
Seminário “Prevenção de <i>Bullying</i> nas Escolas – 1º e 2º ciclo”										
Atividade “Teatro dos Fantoques” - 3º Ano										
Atividade “Teatro dos Fantoques” – 4º Ano										
Atividade “Teatro dos Fantoques” – 5º Ano										

7.8. Avaliação do Projeto

No campo específico da investigação e implementação de programas sociais, as definições aplicadas a este termo assumem um forte elemento prático, diretamente relacionado com a apreciação dos resultados de um programa/projeto face ao objetivo de solução de determinados problemas (Monteiro, 2008, p.1).

Para Maria José Aguillar e Ezequiel Ander-Egg (1998 citados por Monteiro, 2008, p.2) “a avaliação é uma forma de investigação social aplicada, sistemática, planificada e dirigida; encaminhada para identificar, obter e proporcionar de maneira válida e fiável dados e informação suficiente e relevante para apoiar um juízo acerca do mérito e valor das diferentes componentes de um programa ou de um conjunto de atividades específicas que se realizam, tenham realizado ou realizarão, com o propósito de produzir efeitos e resultados concretos”.

De forma a avaliar o impacto destas atividades, a mestranda voltaria a passar o questionário aplicado no início do estudo de forma a avaliar o impacto que estas atividades tiveram no seu percurso enquanto alunos e se o número de alunos que passaram por situações de Bullying se mantém, diminuiu ou aumentou. O questionário seria aplicado no mês de junho, final do ano letivo depois de todas as atividades realizadas. Para além dos questionários, voltaria a contactar os docentes entrevistados para o presente estudo, com o intuito de perceber se houve alteração da sua opinião sobre o comportamento das crianças, se as ações contribuíram para autoconhecimento e perceber se a maneira de intervir com os alunos passou a ser diferente tendo em conta as recomendações e partilhas dadas nas ações, *workshops*, sessões e seminário planeado.

Faria também entrevistas aos professores e assistentes operacionais para conhecer as suas opiniões sobre as alterações (ou não) do comportamento dos alunos/ educandos aquando as intervenções para prevenção de *bullying* que foram realizadas ao longo do ano lectivo.

Pretende-se avaliar ainda através da realização de tabelas de observação de modo a perceber a reação e adesão ou não dos alunos às atividades, sempre que estas forem implementadas.

7.9. Sustentabilidade do Projeto

O conceito de sustentabilidade traduz a capacidade de manutenção contínua, a qual integra ações objetivas que promovem um desenvolvimento sustentável (Neves, 2017).

A gestão do projeto deve ser pensada de forma global, de forma a permitir dar continuidade, no futuro, ao projeto em causa. Após o término deste projeto (10 meses), quando avaliadas vantagens do uso destas atividades como método de

alteração de comportamentos e diminuição da violência na escola, evidenciar-se-á a importância da replicação das mesmas, nos anos letivos seguintes.

Este projeto apresenta atividades que podem ser aplicadas em diversas idades, com diversos tipos de públicos e que permite ainda incluir outros sujeitos de intervenção.

Conclusão

Consoante os dados recolhidos, verifica-se a existência de violência e *bullying* nas escolas estudadas. A violência e tipo de *bullying* mais evidente é o *bullying* verbal e psicológico, que traz consigo uma série de consequências a curto e longo prazo, como a tristeza e a raiva. Os rapazes são os principais agressores e as principais vítimas, perpetuando as situações de violência estando acompanhados ou sozinhos e elegem o intervalo como lugar preferencial para perpetuar as agressões.

Quanto às vítimas, são geralmente mais novas, mais tímidas ou possuem alguma característica que atrai o agressor a praticar a agressão. No entanto, afirmam contar a alguém a situação pela qual passaram, por se sentirem tristes.

As crianças que assistem às agressões sem estarem envolvidas diretamente, assumem a tentativa de impedir o agressor, mas manifestam medo de retaliações pelo próprio.

No entanto, acredita-se que ainda que as crianças pratiquem situações agressivas contra os seus pares, o façam com a inconsciência própria da idade, uma vez que as reações e emoções que as crianças demonstram após as agressões são a tristeza e o facto de se sentirem zangadas. Muitas vezes a questão da reação/ ação e o descontrolo emocional presente nestas idades é o fator principal das confusões geradas entre as crianças nas escolas.

Na perspetiva dos Diretores de Turma entrevistados, o papel da escola e dos professores na detecção e prevenção do Bullying é fundamental. Também consideram que a formação sobre o Bullying é importante para a prevenção e ação destas situações, no entanto a maior parte deles afirma não ter tido oportunidade de frequentar ações que lhes permitisse saber mais sobre o tema.

Também se consideram capazes de intervir perante uma situação frágil como são as de Bullying, no entanto e como foi dito anteriormente, a intervenção é baseada em experiência profissional e pessoal, e não com base em conhecimento sobre o tema Bullying e as suas características.

Nas escolas estudadas, apesar de não existirem estratégias específicas para combater o Bullying, o projeto “Escola Segura” da GNR é uma medida que a escola tem para abordar outro tipo de temas que apoia a escola em diversas situações.

A intervenção das famílias em futuras estratégias e medidas neste âmbito, é uma recomendação apontada pelos Diretores de Turma entrevistados, sendo que a família e a escola têm papéis diferentes (a educação e o ensino/aprendizagem, respetivamente) e por isso deve haver um papel de interajuda entre ambas entidades.

A escola é uma instituição que tem como objetivos a proteção, o desenvolvimento saudável e a segurança dos alunos. Os episódios de *bullying*,

violência física, psicológica e sexual acontecem, ainda que com relevância diferente, nas escolas em Portugal e estes episódios põem em causa a qualidade do papel que a escola tem e deve ter na segurança das suas crianças e jovens.

Relativamente ao papel da escola, esta é uma organização com uma missão muito própria e todos os elementos que a compõem devem desenvolver políticas e estratégias que possam acautelar situações de violência, especificamente o *bullying*.

Em Portugal, há diversos estudos sobre o combate ao *bullying* e à violência nas escolas. O *bullying* é um fenómeno bastante complexo e as propostas parecem ser imprecisas para combater este fenómeno, que cada vez mais afeta alunos em todas as escolas, de todas as idades, independentemente das suas características sociais, económicas ou religiosas.

É urgente que se implementem métodos que consigam de alguma maneira contribuir para a diminuição e se possível, extinção deste fenómeno.

É necessário que o método a trabalhar nestes casos que implicam crianças e jovens, seja de cariz preferencialmente preventivo. A intervenção deve assumir um papel preventivo de maneira a trabalhar com os alunos, e de lhes inculcar conhecimento para intervir antes de uma situação de violência se ter perpetuado.

Deve começar-se desde cedo a abordar temas como *bullying*, a importância de desenvolver relações saudáveis e, preparar as nossas crianças para situações imprevistas que possam acontecer no contacto com outras crianças e outras pessoas.

Na creche e no jardim-de-infância que são as primeiras instituições de contacto depois da família, é onde as crianças estão em contacto com outras e onde começam a desenvolver laços e relações, ainda que não sejam capazes de o fazer conscientemente. Explicar às crianças o tipo de relações que devem ou não desenvolver é fundamental para o caminho que as crianças têm de percorrer e torná-las-á mais resilientes e capazes de distinguir no contacto com os outros o que é e não é saudável.

Numa fase pré-preparatória ao ensino básico, os pais, educadores, professores, encarregados de educação e responsáveis legais devem informar as crianças de que a escola é um ambiente seguro, onde desenvolvem relações positivas, onde têm o apoio dos adultos para resolverem constrangimentos e que tudo o que lhes provoque insatisfação e desconforto nesse ambiente, deve ser abordado com os pais, professores ou com um adulto em quem confiem. As crianças devem encarar a escola como um ambiente positivo de brincar e aprender, onde se sintam bem. A maneira como as crianças veem a escola, como são tratadas na escola pelos seus colegas, professores e funcionários, pode influenciar o seu bem-estar, o seu rendimento escolar e pode contribuir para o seu desenvolvimento normal positivo ou negativo.

Neste caso em específico, tendo em conta a amostra do estudo, a prevenção deve ser mais do que falar com as crianças, deve ser um modelo de intervenção mais complexo, ou seja, deve ser feita uma intervenção de base centrada no indivíduo, na escola, com a família e com a comunidade. Este tipo de prevenção nunca pode ser generalizada, em todas as escolas há pessoas diferentes, situações diferentes pelo que adotar uma única estratégia estaria errado e seria pouco eficaz.

A forma de intervir jamais pode ser seguida, como seguimos uma receita, em que as intervenções assumem todas as mesmas regras, a mesma forma de intervir e não se têm em conta as diferentes características dos intervenientes, do local e do ambiente.

O bullying por si só assume-se como um tema significativamente sensível e quando se fala de *bullying* com crianças, deve ter-se um cuidado superior. O projeto anteriormente apresentado pretende lidar com as emoções principalmente de forma a refletirem sobre este tema, relacionando ambos.

Neste trabalho, são propostas atividades e medidas que preenchem as lacunas encontradas ao longo do estudo, desde a falta de informação sobre o *bullying* declarada por parte dos professores, à ausência de medidas preventivas face ao *bullying* nas escolas e face à violência que os alunos identificaram como vivenciada nas escolas estudadas.

Referências Bibliográficas

- Afonso, S. (2020). Compreender melhor o Bullying, identificar os seus diferentes tipos e estar consciente das suas consequências é fundamental para o detetar. Blog CUF. Consultado em: 9/09/2020. Disponível em: <https://www.cuf.pt/mais-saude/bullying-aprenda-atuar-perante-este-comportamento>.
- Albuquerque, C. (2007). O envolvimento de crianças em gangs juvenis. *Infância e Juventude*. pp.33-60.
- Almeida, F. (2018). Bullying no contexto escolar: uma análise psicológica do fenómeno. *Psicologia :Portal dos Psicólogos*. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/51171460/bullying-no-contexto-escolar-uma-analise-psicologica-do-fenomeno-flavio-aparecid>. Consultado em: 28/08/2020.
- Almeida, A.; Fernandez, M. (2014). O carácter ímpar do *bullying* na relação entre pares: Concetualização e modelos de intervenção sistémica. In M. Matos (Coord.). *Vítimas de crime e violência* (pp. 45-56). Braga: Psiquilíbrios.
- Amado, J. S. & Freire, I. P. (2002). *Indisciplina e violência na escola - compreender para prevenir*. Porto: Edições Asa.
- Amnistia Internacional Portugal (2016). *STOP BULLYING - Um recurso educativo baseado nos direitos humanos para combater a discriminação*. Disponível em: <https://www.amnistia.pt/wp-content/uploads/2017/10/Manual-Stop-Bullying-AI-Portugal.pdf>
- Barbosa, R. (2010). *Bullying: uma naturalização de difícil convivência*. Disponível em: <https://www.uv.es/asabranca/encontre/barbosa.pdf>. Consultado a: 28/08/2020.
- Bandeira, M. (2009). Bullying: autoestima e diferenças de género. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Bandeira, C. & Hutz, C. (2012). Bullying: prevalência, implicações e diferenças entre os géneros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia escolar e educacional*, 16 (1), 35-44.
- Bullock, J. (2002). Bullying among children. *Childhood education*. 78, 130-133.
- Cantini, N. (2004). Problematizando o bullying para a realidade brasileira. Dissertação de mestrado. Programa Pós-graduação em Psicologia do centro de ciências da vida. Universidade Católica de Campinas. São Paulo.
- Carneiro, D. & Figueiredo, A. (2012). «Recuso-me a ir para aquela escola» – Um caso clínico de Bullying. *Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar*, 28, 259-303.
- Carrilho, L. & Bacelar, T. (2010). Bullying - Agressividade em contexto escolar. *Ousar Integrar – Revista de Reinserção Social e Prova*, 6, 43-59.
- Carvalhosa, S. (2010). *Prevenção da violência em contexto escolar*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Coelho, E; Sila, A; Lindner, S. (2014). *Violência: definições e tipologias*. UFSC. Florianópolis.

European Commission. (2019). *Organização do Sistema Educativo e da sua estrutura. Eurydice. Portugal*. Consultado a 6 de fevereiro de 2019. Disponível em: https://eacea.ec.europa.eu/national-policies/eurydice/content/organisation-education-system-and-its-structure-60_pt-pt.

Fante, C. (2005). *Fenómeno Bullying. Como prevenir a violências nas escolas e educar para a paz* (2ª Ed.). Campinas: Vêrus.

Ferraz, S. & Pereira, B. (2012). Comportamentos de bullying: Estudo numa escola técnico profissional. In I. Condessa, B. Pereira, & C. Carvalho (Coord.). *Atividade Física, Saúde e Lazer. Educar e Formar* (pp. 93-99). Braga: Centro de Investigação em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho.

Francisco, M. & Libório, R. (2009). Um estudo sobre Bullying entre Escolares do Ensino Fundamental. *Psicologia: Reflexão e crítica*. 2, 200-207.

Gisi, N; Ens, R; Eyng, A. (2016). As representações de professores de educação básica sobre o Bullying. In Pereira, B; Barbosa, A; Lourenço, L. (2016). *Estudos sobre Bullying: Família Escola e Atores*. Editora CRV. Brasil.

Gonçales, L; Sposito, M. (2002). Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*. 115, 101-138.

Gonçalves, M. (2019). Sintomas manifestados na fobia escolar. Blog Mãe me quer. Consultado em: 9/09/2020. Disponível em: <https://www.maemequer.pt/desenvolvimento-infantil/educacao/escola-e-aprendizagem/alguns-sintomas-manifestados-na-fobia-escolar/>.

Gouveia, S. (2011). Bullying Escolar: os observadores e o seu papel supremo no término deste fenómeno. Mestrado Integrado em Psicologia. Universidade de Lisboa Faculdade de Psicologia.

Leonardo, J. (2007). Bullying escolar: abordagem descritiva de um fenómeno emergente. *Infância e Juventude*. pp.9-82.

Liang, H; Flisher, A & Lombard, C. (2007). Bullying, violence and risk behavior in South Africa school students. *Child Abuse and neglect*, 161-171.

Lopes, N. (2005). Programa de reducción del comportamiento agresivo entre estudantes. In Silva e Lisboa (eds). *Violencia escolar*, Pp. 297-335. Santiago do Chile.

Lopes, N. (2005). Bullying- Comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81 (5), 164-172.

Machado, F. & Machado, M. (2012). Prevenção da Violência Escolar. In S. Neves (Org.), *Intervenção Psicológica e Social com Vítimas*, V. 1, Crianças. (pp. 163-196). Coimbra: Almedina.

Manzato, A. & Santos, A. A elaboração de questionários na pesquisa quantitativa. Departamento de Ciência de Computação e Estatística. IBILCE. UNESP.

Marcolino, E; Cavalcanti, A; Padilha, W; Miranda, A & Clementino, F. (2018). Bullying: Prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. In *Violência Escolar: vitimização e agressão entre adolescentes da rede pública municipal de ensino*. (Pós graduação em Saúde Pública, Universidade Estadual de Paraíba).

- Marques, A. (2016). Vivências de Bullying e risco de insucesso escolar. In Pereira, B; Barbosa, A. Lourenço, L. (2016). *Estudos sobre Bullying: Família, escola e atores*. Editora CRV. Brasil.
- Martins, M. J. (2009). *Maus-tratos entre adolescentes na escola*. Lisboa: Editorial Novembro.
- Martins, M. J. (2011). *Prevenção da indisciplina, da violência e do bullying nas escolas*. Proforma, 3, 1-6.
- Mascarenhas, S. (2006). Gestão do Bullying e da indisciplina e qualidade do bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil. *Psicologia, saúde e doenças*. pp.95-107.
- Melim, F. M. O. (2011). Na escola, tu és feliz? Estudo sobre as manifestações e implicações do bullying escolar. Tese de Doutoramento em Estudos da Criança, especialização em Educação Física, Lazer e Recreação, apresentado ao Instituto de Educação da Universidade do Minho. Minho.
- Melim, F; Pereira, B. (2016). Perfis dos intervenientes no Bullying escolar: atitudes e comportamentos na agressão entre pares. In Pereira, B; Barbosa, A; Lourenço, L. (2016). *Estudos sobre Bullying: Família Escola e Atores*. Editora CRV. Brasil.
- Merriam, S. (1998). *Case Study Research in Education: A Qualitative Approach*. London: Jossey Bass Inc. Publishers. 3ªEd.
- Monteiro, A. (2008). A avaliação nos projetos de intervenção social: Reflexões a partir de uma prática. *Prática e Processos da Mudança Social*. III Congresso. Disponível em: https://aps.pt/wp-content/uploads/2017/08/DPR492ee22b8d9af_1.pdf. Acesso em 3/06/2020.
- Neves, P. (2017). Práticas de gestão em projetos nas organizações com foco na sustentabilidade. *Convibra*. Disponível em: http://www.convibra.com.br/upload/paper/2017/28/2017_28_13717.pdf. Consultado em 03/04/2019.
- Oliveira, H. (2012). Violência entre colegas: Bullying em contexto escolar. Mestrado em Educação Especial - Domínio Cognitivo e Motor. Escola Superior de Educação João de Deus. Lisboa.
- Oliveira, J; Silva, A; Barbosa, A. (2016). Bullying e a motivação para aprender. In Pereira, B; Barbosa, A; Lourenço, L. (Org.) *Estudos sobre Bullying: Família Escola e Atores*. Editora CRV. Brasil.
- Olweus, D. (1998). *Conductas de Acoso y Ameaza entre Escolares*. Madrid: Ediciones Morata, S. L.
- Pardal, L. & Lopes, E. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto. Areal Editores.
- Pereira, B. & Almeida, A. (1994). Bullying, Agressividade em context Escolar. Instituto de Estudos da crianças. Universidade do Minho.
- Pereira, B et al. (2004). Bullying in Portuguese schools. *School Psychology International*. pp.207-254.
- Pereira, B. (2008). *Para uma escolar sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças*. (2ª Ed). Lisboa: Dinalivro. Fundação para a ciência e a tecnologia, Ministério da Ciência e da Tecnologia.
- Pereira, B; Barbosa, A; Lourenço, L. (2016). *Estudos sobre Bullying: Família Escola e Atores*. Editora CRV. Brasil.

Quivy, R. e Campenhoudt, L.V. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.

Rech, R; Halpern, R; Tedesco, A & Santos, D. (2013). Prevalence and characteristics of victims and perpetrators of Bullying. Sociedade Brasileira de Pediatria. *Jornal de Pediatria*. Rio de Janeiro. Ed: Elsevier Editora Ltda. 89:164-70.

Salgado et al. (2016). A gestão educacional do Bullying: teoria e prática. In Pereira, B; Barbosa, A; Lourenço, L. (2016). *Estudos sobre Bullying: Família Escola e Atores*. Editora CRV. Brasil.

Seixas, S. (2005). Violência Escolar: Metodologias de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 2. pp.97-110; Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v23n2/v23n2a03.pdf>. Consultado a: 28/08/2020.

Serra, F; Ferreira, M; Torres, M; Torres, A. (2012). *Gestão estratégica: Conceitos e Prática* (3º Ed.). Manual Prático Lidel. Edições técnicas, lda.

Sousa, M; Araújo, B; Pereira, B. (2016). Bullying, autoestima e suporte social, que relação?. In Pereira, B; Barbosa, A; Lourenço, L. (Eds.) *Estudos sobre Bullying: Família Escola e Atores* (pp. 163-177). Brasil; Editora Curitiva.

Simões, S.; Ferreira, J.; Braga, S.; Vicente, H. (2015). Bullying, vinculação e estilos educativos parentais em adolescentes do 3º ciclo do ensino básico. *Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social*, Vol. 1 (1), 30-41.

Stephan, F; Gomes, D; Lourenço, L. (2016). A ansiedade social como implicação clínica do Bullying. In Pereira, B; Barbosa, A; Lourenço, L. (Org.) *Estudos sobre Bullying: Família Escola e Atores* (1ª Ed.) (pp. 231-251). Brasil: Editora CRV.

Veiga, F. (2009). Transgressão, direitos e comunicação: estudos com alunos adolescentes. In Seica, A.; Bettencourt, A.; Veiga, F.;... Vieira, R. *A escola como espaço social- Leituras e olhares de professores e alunos*. (pp. 195-208). Portugal: Porto Editora.

Zottis, G; Heldt, E. (2016). O Bullying e o uso de punições agressivas pelos pais. In Pereira, B; Barbosa, A; Lourenço, L. (2016). *Estudos sobre Bullying: Família Escola e Atores*. Editora CRV. Brasil.

Legislação referenciada

Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro - Lei de Bases do Sistema Educativo Português

Apêndices

Apêndice 1- Questionário

Este questionário enquadra-se numa investigação do Mestrado de Intervenção Social Escolar realizada no Instituto Politécnico de Castelo Branco e destina-se a recolher opiniões dos estudantes acerca de alguns aspetos da sua vida escolar. É anónimo e a informação recolhida através dele é absolutamente confidencial.

Não existem respostas certas ou erradas, por isso responde sempre com a máxima sinceridade a todas as perguntas.

Obrigada pela tua participação!

Questionário:

Vou fazer-te umas perguntas sobre coisas que podem acontecer na escola entre ti os teus colegas. Se tiveres alguma dúvida, por favor, pergunta-me. Lembra-te que isto não é um teste e todas as repostas que deres, nunca serão identificadas como tuas.

Dados Biográficos:

Sexo Feminino Sexo Masculino

Idade: _____

Ano de Escolaridade: 1º 2º 3º 4º 5º 6º

Já reprovaste? Não Sim Quantas vezes? _____.

Tens irmãos? Não Sim Quantos? _____.

Vives com quem? _____.

Gostas da Escola? Sim Não

Porquê?

_____.

Bullying/ Violência Escolar:

1. Sabes o que é o “Bullying”? a) Sim b) Não

2. Já ouviste falar sobre Bullying? a) Sim c) Não

2.1. Se sim, Onde? (Podes seleccionar mais do que uma opção).

a) Na escola

b) Em casa

c) Na televisão

3. Já passaste por alguma situação na tua escola que te deixou triste, zangado e/ou com raiva?

a) Sim b) Não

4. Já sofreste algum tipo de violência na tua escola?

a) Sim b) Não

5. Qual foi o tipo de violência que sofreste? (Podes seleccionar mais do que uma opção)

- a) Chamaram-me nomes feios
- b) Disseram coisas más sobre mim
- c) Bateram-me
- d) Ignoraram-me
- e) Empurraram-me
- f) Obrigaram-me a fazer coisas que me deixaram desconfortáveis
- g) Ameaçaram-me
- h) Gozaram-me
- i) Fizeram intrigas sobre mim
- j) Não me deixaram participar nas atividades/ brincadeiras
- k) Não aconteceu nada

6. Que idade tinhas quando aconteceu?

- a) Menos de 5 anos
- b) Dos 6 aos 9 anos
- c) Dos 10 aos 13 anos
- d) Mais de 14 anos
- e) Não aconteceu nada

7. Que ano de escolaridade frequentavas quando aconteceu? (Podes escolher mais do que uma opção).

- a) 1º
- b) 2º
- c) 3º
- d) 4º
- e) 5º
- f) 6º
- g) Não aconteceu nada

8. Quanto tempo durou essa situação?

- a) Foi uma situação única/ pontual
- b) 1 mês
- c) 1 ano
- d) Ainda se mantém
- e) Não aconteceu nada

9. Em que sítio ocorreu esse episódio? (Podes escolher mais do que uma opção)

- a) Na cantina
- b) Nos corredores
- c) Nas escadas
- d) Dentro da sala de aula
- e) Nos intervalos
- f) Na casa de banho

g) Noutro Lugar g.i) Onde? _____.

h) Não aconteceu nada

10. Quando essa situação ocorreu, estavas sozinho?

a) Sim

b) Não

c) Não aconteceu nada

11. E a pessoa que te agrediu estava sozinha?

a) Sim

b) Não

c) Ninguém me agrediu

12. A pessoa que te agrediu, tinha que idade?

a) Menos de 5 anos

b) Dos 6 aos 9 anos

c) Dos 10 aos 13 anos

d) Mais de 14 anos

e) Ninguém me agrediu

13. Que ano frequentava a pessoa que te agrediu?

a) 1º ano

h) 8º ano

b) 2º ano

i) 9º ano

c) 3º ano

j) 10º ano

d) 4º ano

k) 11º ano

e) 5º ano

l) 12º ano

f) 6º ano

m) Ninguém me agrediu

g) 7º ano

14. Como te sentiste depois de teres passado por essa situação? (Podes escolher mais do que uma opção)

a) Triste

b) Feliz

c) Zangado/a

d) Senti-me bem

- e) Senti-me sozinho/a
- f) Senti vontade de estar isolado/a
- g) Não senti nada
- h) Senti-me poderoso/a
- i) Não aconteceu nada

15. Contaste a alguém o que aconteceu?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não aconteceu nada

16. A quem contaste? (Podes escolher mais do que uma opção)

- a) Mãe
- b) Pai
- c) Amigo
- d) Avó/s
- e) Professor/a
- f) Funcionário/a
- g) Não contei a ninguém
- h) Não aconteceu nada

17. O que fez a pessoa, a quem contaste o que aconteceu?

- a) Não aconteceu nada
- b) Não contei a ninguém

18. Já agrediste alguém na tua escola?

- a) Sim
- b) Não

19. De que maneira agrediste? (Podes escolher mais do que uma opção)

- a) Chamei nomes
- b) Disse coisas más sobre a pessoa
- c) Bati

- d) Ignorei
- e) Empurrei
- f) Obriguei a pessoa a fazer coisas desconfortáveis para ela
- g) Não agredi

20. Que idade tinhas quando aconteceu?

- a) Menos de 5 anos
- b) Dos 6 aos 9 anos
- c) Dos 10 aos 13 anos
- d) Mais de 14 anos
- e) Não aconteceu nada

21. Que ano de escolaridade frequentavas quando aconteceu? (Podes escolher mais do que uma opção).

- a) 1º
- b) 2º
- c) 3º
- d) 4º
- e) 5º
- f) 6º
- g) Não aconteceu nada

22. Quanto tempo durou essa situação?

- a) Foi uma situação única/ pontual
- b) 1 mês
- c) 1 ano
- d) Ainda se mantém
- e) Não aconteceu nada

23. Em que sítio ocorreu esse episódio? (Podes escolher mais do que uma opção)

- a) Na cantina
- b) Nos corredores
- c) Nas escadas
- d) Dentro da sala de aula
- e) Nos intervalos
- f) Na casa de banho
- g) Noutro Lugar g.i) Onde? _____.
- h) Não aconteceu nada

24. E pessoa que agrediste tinha que idade?

- a) Menos de 5 anos
- b) Dos 6 aos 9 anos
- c) Dos 10 aos 13 anos
- d) Mais de 14 anos
- e) Não agredi

25. Quando agrediste, estavas sozinho?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não agredi

26. E a pessoa que agrediste, estava sozinha?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não agredi

27. Quem agrediste? (Podes escolher mais do que uma opção)

- a) Um colega
- b) Um professor
- c) Um funcionário

- d) Outro d.i) Quem? _____.
- e) Não agredi

28. Foste chamado à atenção por teres agredido alguém?

- a) Sim b) Não

29. Como te sentiste depois de teres agredido? (Podes escolher mais do que uma opção)

- a) Triste
- b) Feliz
- c) Zangado/a
- d) Senti-me bem
- e) Senti-me sozinho/a
- f) Senti vontade de estar isolado/a
- g) Não senti nada
- h) Senti-me poderoso/a
- i) Não agredi

30. Conheces alguém que tenha passado ou esteja a passar por uma situação de Bullying?

- a) Sim b) Não

31. Já presenciaste alguma situação de Bullying?

- a) Sim b) Não

32. O que sentiste ao ver um colega a ser vítima de violência? (Podes escolher mais do que uma opção)

- a) Pena
- b) Raiva
- c) Medo
- d) Não senti nada, porque não tinha a ver comigo
- e) Nunca vi nenhum colega a ser vítima de violência

33. Como reagiste perante essa situação?

- a) Não fiz nada
- b) Tentei impedir o agressor
- c) Ajudei a bater e a chamar nomes porque não era meu colega
- d) Fugi porque tive medo
- e) Nunca vi nenhum colega a ser vítima de violência

34. Contaste a alguém o que aconteceu?

- a) Sim
- b) Não
- c) Não aconteceu nada

35. A quem contaste? (Podes escolher mais do que uma opção).

- a) Mãe
- b) Pai
- c) Amigo
- d) Avó/s
- e) Professor/a
- f) Funcionário/a
- g) Não contei a ninguém
- h) Não aconteceu nada

36. O que fizeram ou disseram as pessoas a quem contaste?

Não aconteceu nada Não contei a ninguém

37. Sentes-te seguro na tua escola?

- a) Sim
- b) Não

38. Tens conhecimento da tua escola ter dinamizado atividades de informação e sensibilização sobre o Bullying?

a) Sim b) Não

39. Caso tenhas tido conhecimento, participaste em alguma atividade de sensibilização sobre o Bullying na tua escola?

a) Sim b) Não

40. Achas que falar sobre este tema é importante para diminuir a violência na escola que frequentas e nas outras escolas?

a) Sim b) Não

41. O que achas que a escola deve fazer para impedir as situações de violência entre os alunos?

Obrigada pelas tuas respostas!

Apêndice 2- Guião da Entrevista

Guião da Entrevista

Tema:

O bullying é um problema grave e consiste em comportamentos agressivos, físicos e psicológicos, que acontecem repetidamente e de propósito. É um problema da escola inteira, pois pode transformar a escola num local de medo e violência, e criar graves problemas futuros nas nossas crianças.

Destinatários:

Diretores de turma do 1º e 2º ciclos do ensino básico de um Agrupamento de Escolas do ensino público.

Objetivo da Entrevista:

Conhecer a opinião dos professores sobre o Bullying em contexto escolar assim como do seu papel e o da escola na identificação, intervenção e prevenção deste problema.

Contextualização:

- Informar sobre os objetivos do Trabalho de Projeto e assegurar o anonimato e a confidencialidade dos dados;
- Solicitar autorização para a gravação da entrevista;
- Agradecer a colaboração e disponibilidade para conceder a entrevista.

Dados Biográficos
Sexo: Masculino (<input type="checkbox"/>) Feminino (<input type="checkbox"/>)
Idade: ____ anos
Habilitações Literárias: _____
Tempo de serviço _____

Bullying/ Violência na Escola

1. Ao longo da sua vida profissional é provável que tenha tido conhecimento de alunos que são ou foram vítimas de Bullying. Na sua opinião qual o papel da escola e dos Professores na deteção, prevenção e combate ao Bullying?.
2. Considera que a prevalência do Bullying nos 1º e 2º ciclos do ensino básico é baixa ou alta? Porquê?
3. Como descreveria o perfil do agressor e da vítima, nestas idades?
4. Qual é o papel do Diretor de Turma na prevenção e/ou combate ao Bullying?
5. Já alguma vez lhe aconteceu levantar a hipótese de que uma criança podia estar a ser vítima de Bullying, perante a constatação de alterações do seu comportamento em contexto de sala de aula e dos resultados escolares? Porquê?
6. Sente-se preparado para intervir e/ou prevenir uma situação de Bullying?
7. Perante o conhecimento de uma situação de Bullying, qual deve ser a atitude do professor?
8. Considera que deveria existir formação de professores no âmbito desta temática? Porquê?
9. Já teve a possibilidade de participar em alguma formação sobre Bullying? Qual foi o formato pela qual optou? Um seminário, um workshop, uma formação...?
10. Na escola onde exerce a sua atividade docente, tem havido ações/projetos de sensibilização/prevenção/intervenção para combater o Bullying? Participou em algum desses projetos?
11. Na sua opinião, as condições do ambiente escolar podem ser potenciadoras da violência entre pares? Porquê?
12. O que mudaria no ambiente escolar para diminuir o Bullying?